

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

JULIETE DE ALMEIDA MACHADO NUNES

**O ENSINO DA LEITURA NOS ANOS INICIAIS: LIMITAÇÕES E
POSSIBILIDADES**

CAJAZEIRAS - PB

2012

JULIETE DE ALMEIDA MACHADO NUNES

**O ENSINO DA LEITURA NOS ANOS INICIAIS: LIMITAÇÕES E
POSSIBILIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso-TCC
apresentado à UAE sob orientação da prof.
Dr^a. Elzanir dos Santos, como requisito
necessário para conclusão do Curso de
Pedagogia da Universidade Federal de
Campina Grande, Campus de Cajazeiras-PB

CAJAZEIRAS-PB

2012

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

N972e Nunes, Juliete de Almeida Machado
O ensino da leitura nos anos iniciais: limitações e
possibilidades./Juliete de Almeida Machado Nunes.
Cajazeiras, 2012.
49f.

Orientadora: Elzanir dos Santos.
Monografia (Graduação) – CFP/UFCG

1. Leitura – ensino fundamental. 2. Aprendizagem –
limitações e possibilidades I. Santos, Elzanir dos..
II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 37.016:003-28.31

JULIETE DE ALMEIDA MACHADO NUNES

**O ENSINO DA LEITURA NOS ANOS INICIAIS: LIMITAÇÕES E
POSSIBILIDADES**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras-UFCG, como pré-requisito para obtenção do grau de licenciatura, aprovado em ___/___/_____, com NOTA _____ (_____), pela comissão julgadora:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr^a. Elzanirdos Santos

Presidente da banca

Prof.Ms. Valéria Maria de Lima Borba

Examinadora

Prof.Ms. Edinaura Almeida de Araújo

Examinadora

Aos profissionais docentes que sempre acreditaram que a educação pode transformar a vida dos sujeitos.

Dedico!

A **Deus** em primeiro lugar, a minha família pelo apoio e aos professores que acreditaram na minha capacidade de aprender.

Agradeço!

Aquilo que está escrito no coração não necessita de agendas porque a gente não esquece. O que a memória ama fica eterno.

Rubens Alves (1998)

RESUMO

A linguagem é uma forma de expressão muito significativa em nossa vida, pois o sujeito precisa dela para ser entendido no cotidiano. Nesse sentido, a leitura e a escrita expandem a capacidade do homem de se inserir no mundo da comunicação oral e escrita. Partindo desta realidade busquei refletir, com base em estudos consolidados, a problemática do ensino da leitura no cotidiano de uma escola da cidade de Poço Dantas-PB. Para tanto, analisei como os docentes desenvolvem o ensino da leitura nos anos iniciais, como também, busquei identificar os recursos didáticos utilizados nas aulas, destacando os gêneros textuais que despertam a atenção dos discentes e os envolvem no ensino e aprendizagem da leitura. Assim, a realização desta pesquisa com professores e alunos de duas turmas da referida escola, contribuiu para um confronto entre teoria e prática docente e igualmente para a compreensão dos limites e possibilidades de um ensino eficaz, que proporcione aulas significativas, as quais despertem o interesse dos alunos com relação à leitura. Através da realização da pesquisa abordei também o entendimento dos alunos no que se refere às suas práticas e concepções acerca da leitura. A partir disso, optei por uma pesquisa quanti-qualitativa, investigando quarenta sujeitos sendo que destes, trinta e oito são alunos e dois são professores. Assim, também realizei uma pesquisa de campo a fim de ter uma aproximação maior com o campo de observação para melhor delinear outras questões que pudessem esclarecer a problemática estudada. Foram feitas observações, entrevistas e aplicação de questionário junto a dois professores que lecionam no 4º e 5º Ano do Ensino Fundamental, respectivamente, e aos alunos dos referidos anos (4º e 5º ano), uma vez que, possibilitou entender a compreensão desses sujeitos, alunos/professores, sobre a tônica do ensino e aprendizagem da leitura. A realização deste estudo possibilitou chegar a algumas conclusões: primeiramente, reforcei a compreensão de que o processo de aquisição da leitura é muito complexo e exige muito compromisso por parte de alunos, professores, família, pois todos são fundamentais para o sucesso no processo de ensino e aprendizagem. Além disso, percebi também, que os docentes enfrentam muitas dificuldades para realizarem seu trabalho enquanto educadores, pois as condições estruturais da escola interferem negativamente no rendimento das aulas e conseqüentemente geram desconforto e inquietação na turma. Diante desse fato, muitas são as barreiras que se interpõem ao ato de ler e, portanto, alunos e docentes enfrentam muitos desafios para desenvolverem competências no campo da leitura.

Palavra-chaves: leitura, aprendizagem, docentes.

ABSTRACT

The language is a very significant form of expression in our lives, because the subject needs it to be understood in everyday life. In this sense, reading and writing expand the capacity of man to enter the world of oral and written communication. From this we reflect reality, based on consolidated studies, the problem of teaching, reading in the daily life of a school in the town of Poço Dantas-PB. For this purpose, we analyze how teachers develop the teaching of reading in early years, as well as we seek to identify the resource materials used in classes, highlighting the text genres that attract the attention of students and involve them in teaching and learning of reading. Thus, this research with teachers and students in a class of that school, contributed to a confrontation between theory and teaching practice and also to understand the limits and possibilities of effective teaching, which provides significant lessons, which awaken students' interest with respect to reading. Through the research we discuss also the understanding of students with regard to their practices and conceptions of reading. From this, I chose a qualitative and quantitative research investigating forty subjects and of these, thirty-eight are students and two teachers are. So too did a field survey in order to have closer ties with the field of observation to better we outline other questions that could clarify the problem studied. Observations were made observation, interventions, interviews and questionnaires from two teachers who teach in the 4th and 5th year of elementary school, respectively, and students of those years (4th and 5th year), since, enabled to understand the understanding of these subjects, students / teachers on the topic of teaching and learning of reading. This study made it possible to draw some conclusions. First reinforced the understanding that the process of reading acquisition is very complex and requires much commitment from students, teachers, family and all these subjects are fundamental to the success of teaching and learning. Also, I noticed also that teachers face many difficulties in doing their jobs as educators, because the structural conditions interfere negatively in school performance classes and consequently generate discomfort and restlessness in the classroom. Given this fact, there are many barriers that stand in the act of reading, so students and teachers face many challenges in developing skills in the field of reading.

Keyword: reading, learning, teaching

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPÍTULO I	
1 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA	14
1.1 O Papel dos Docentes	15
2.2 o papel da família	20
CAPÍTULO II	
2 ENSINO E PRÁTICA DE LEITURA NA ÓTICA DE PROFESSORES E ALUNOS	23
2.1 Prática Docente no Ensino da Leitura	23
2.2 Concepções Discentes Sobre Práticas de Leitura	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	48
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

Como os professores desenvolvem o ensino da leitura nos anos iniciais? Esta foi a problemática analisada nesta pesquisa.

Compreendendo a importância da leitura no desenvolvimento intelectual do ser humano e analisando várias situações do cotidiano, refleti sobre a problemática da leitura nas salas de aula. Por que vemos no dia a dia tantos adultos que não gostam de ler? Será que a escola se preocupa em analisar a metodologia trabalhada na sala de aula, pelos docentes, para saber se a mesma está sendo eficaz ou eficiente, para despertar nos alunos o gosto pela leitura? De que forma esta problemática, ensino da leitura, está sendo trabalhada nas escolas? Estas questões desafiadoras foram estudadas com o intuito de obter respostas para se chegar a um melhor entendimento sobre como ocorre o processo de leitura em uma escola de Poço Dantas.

As motivações que me conduziram a formular esta pesquisa partiram da concepção de que a leitura ajuda no desenvolvimento de aspectos intelectuais do indivíduo, pois inquestionavelmente práticas de leitura são indispensáveis para a formação da autonomia dos sujeitos, e criam possibilidades para a expansão do senso crítico, levando o educando a aprimorar sua capacidade de comunicação.

Inúmeras vezes presenciamos situações de adultos que não conseguem interpretar um texto e quando questionamos sobre qual é a sua maior dificuldade com relação à leitura, eles dizem que não gostam de ler. Diante dessa constatação, que contribuições os docentes podem dar para mudar essa realidade? Será que nas salas de aulas a leitura está sendo trabalhada de forma adequada?

Sabemos que o processo de aprendizagem é muito complexo, uma vez que as influências individuais e sociais na apreensão do vocabulário são fundamentais para o aprimoramento da leitura e da escrita.

Desse modo, é muito importante que o sujeito seja capaz de refletir através da compreensão dos textos, para que eles possam descobrir os caminhos de renovação e qualificação, tanto na vida profissional, como também na vida pessoal. Desta forma, este mesmo homem crítico e reflexivo atingirá este estágio de conhecimento ou capacidade de reflexão principalmente através do ensino nas escolas.

Falar sobre a importância do desenvolvimento da leitura é algo complexo, pois no dia a dia nos deparamos com situações inusitadas, as quais exigem do leitor atitudes práticas que envolvem o ato de ler. Com relação a este aspecto destaco as diversas ocasiões em que os indivíduos precisam saber ler para se orientar em relação a determinado lugar, seja nas grandes cidades ou em pequenas vilas. Isto é, a situação exige do homem atitudes seguras e esclarecidas quanto às informações obtidas de determinados lugares. Sendo assim, mais uma vez o cidadão vai recorrer a sua capacidade de ler e interpretar os códigos linguísticos para retirar daquelas palavras as informações desejadas.

Seguindo nesta mesma linha de pensamento estamos constantemente rodeados por palavras que nos remete a alguma informação, seja um aviso ou indicação de algum lugar importante, sendo assim, se faz cada vez mais necessário o desenvolvimento da leitura para que os indivíduos não se sintam excluídos do mundo do conhecimento.

Vivemos hoje rodeados de informações, pois a dinâmica capitalista faz com que a tecnologia e as informações mudem a cada instante. Contudo, sentimos a necessidade de mudar para acompanhar esse desenvolvimento e para que possamos nos inserir no mercado de trabalho ou em qualquer outro setor da sociedade. Diante dessas considerações, posso enfatizar que os sujeitos, muitas vezes não conseguem acompanhar todas estas mudanças, principalmente no que se refere à escolaridade e mais especificamente à leitura e à escrita. Por isso, é cada vez mais difícil ser um profissional bem sucedido, pois através da aprendizagem podemos modificar o nosso destino e mais uma vez as habilidades de leitura e de escrita precisam ser bem trabalhadas para ajudar as pessoas a tornarem-se cidadãos.

Portanto, a escola precisa se preocupar com a preparação do sujeito para a vida, como peça fundamental para a superação do problema da falta de habilidade de leitura de muitos indivíduos. Desta forma, é preciso começar a tentar resolver ou amenizar esta situação nos primeiros anos de escolaridade das crianças, as quais têm uma maior facilidade para aprender de forma rápida e eficaz. Essa é uma perspectiva que concebe a leitura como um processo de compreensão ampla, dinâmica e construtora de sujeitos capazes de transformar a sua realidade.

A forma de trabalhar a leitura nos anos iniciais para a formação de leitores efetivamente comprometidos com a prática social é mais do que primordial, pois a nossa sociedade precisa de cidadãos responsáveis e com um bom desenvolvimento intelectual para lidar com questões complexas do cotidiano.

Diante desse contexto, considero importante estudar o processo de leitura nos anos iniciais, afim de que seja mais bem trabalhada nas salas de aula, sobretudo, pela exigência do mundo e da sociedade contemporânea. Partindo dessa compreensão, considerei importante estudar de modo mais aprofundado este tema, pois as contribuições deste estudo poderão ajudar os professores e a comunidade, a entender melhor como ocorre o processo de leitura nos anos iniciais, inclusive, ajudará também na ampliação do debate sobre esse tema.

Assim sendo, o objetivo desta pesquisa foi analisar como os professores desenvolvem o ensino da leitura com as crianças nos anos iniciais, para que se possa ter uma visão mais ampla do processo de ensino e aprendizagem com referência à leitura. Desta maneira, os objetivos específicos que nortearam a realização deste estudo foram: verificar se os recursos didáticos trabalhados pelos docentes favorecem o desenvolvimento da leitura em sala de aula; identificar os tipos de textos que despertam a atenção dos alunos do 4º e 5º Ano do Ensino Fundamental; caracterizar a metodologia trabalhada pelos docentes em sala de aula; observar as reações por parte dos alunos no processo de desenvolvimento da leitura; observar na sala de aula, a relação dos alunos com o processo de aquisição de leitura analisando o envolvimento dos mesmos nas atividades realizadas no ambiente escolar.

Para a realização do estudo em pauta foi desenvolvida uma pesquisa quati-qualitativa, pois a mesma proporcionou uma maior oportunidade de expansão da visão crítica do observador, uma vez que a construção do projeto buscou esclarecer uma problemática e a fase exploratória foi essencial para o pesquisador definir bem os seus propósitos.

Assim, “quando tratamos da pesquisa qualitativa, frequentemente as atividades que compõem a fase exploratória, além de antecederem a construção do projeto, também a sucedem” Deslandes (1994, p. 31). Então, esta fase exploratória foi muito importante para o sucesso da investigação, a qual foi bem planejada, definindo bem os caminhos que foram percorridos para uma maior clareza na realização das atividades que serviram de base para a coleta das informações que posteriormente foram analisadas.

Essa pesquisa se caracterizou como pesquisa de campo porque para a realização da mesma foi necessário visitas à escola, tendo em vista a “necessidade de uma aproximação maior com o campo de observação para melhor delinear as outras questões” Deslandes

(1994, p. 31). Assim, foram feitas observações e aplicação de questionário para a coleta dos dados.

A pesquisa também se aproximou de um estudo de caso. O caso estudado teve uma característica específica que foi analisada mais profundamente, ou seja, definimos bem quais sujeitos, qual realidade a ser investigado e qual a problemática a ser estudada, para uma melhor compreensão do tema abordado: “leitura nos anos iniciais”.

Foram feitas observações, entrevistas com as professoras que lecionam no 4º e no 5º Ano do Ensino Fundamental e aplicação de questionário para 38 alunos dos referidas anos.

Este estudo se realizou em uma Escola Municipal da cidade de Poço Dantas-PB a qual é estruturada para atender alunos da Educação Infantil e Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano e da 1ª a 8ª série da Educação de Jovens e Adultos (EJA), num total de aproximadamente 450 alunos.

Na sua estrutura física existem: doze salas de aulas, uma sala da diretoria, uma secretaria, uma sala de professores, uma sala para reuniões, uma cozinha, três depósitos, sendo que um é utilizado para o armazenamento de alimentos, o segundo para material de limpeza e o terceiro para guardar outros tipos de materiais como cadeiras, livros, os quais não estão sendo utilizados. Há também cinco banheiros, sendo quatro para alunos e um para os professores, os vasos sanitários são adequados para pessoas com deficiência. A escola compõe um total de vinte e oito cômodos, acrescentando as outras repartições da escola, dentre as quais: sala de informática, biblioteca/sala de leitura e sala de recursos multifuncionais para atender aqueles alunos que necessitam de Atendimento Educacional Especializado (AEE).

O corpo docente da escola é composto por: trinta e seis professores, incluindo os professores da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e do Ensino Regular, sendo que a maior parte dos docentes tem Licenciatura em alguma área específica ou estão cursando.

Os planejamentos são realizados de forma coletiva e os professores aproveitam a oportunidade para contar as suas experiências e tirar as dúvidas que surgem ao longo da sua atuação em sala de aula. Porém, a coordenadora não é exclusiva da referida escola, ela faz o trabalho de coordenação em outras escolas da rede municipal de ensino.

O texto a seguir aborda no capítulo I uma breve discussão sobre os processos de aquisição da leitura trazendo a visão crítica de autores que tratam da problemática da leitura no cotidiano dos sujeitos. A fim de entendermos melhor qual é a importância da

leitura para os indivíduos levando em consideração a dinâmica da informação que exige de cada um uma maior adaptação ao mundo do conhecimento.

Posteriormente, abordarei o papel da escola e do professor no ensino da leitura, ou seja, até que ponto a escola e os professores podem contribuir para despertar nos alunos o entendimento positivo sobre o ato de ler e qual a visão dos autores sobre a responsabilidade de todos os sujeitos envolvidos no processo de ensino da leitura na escola.

Nesse mesmo sentido, será focado o papel da família na educação das crianças e no processo de aprendizagem, destacando se a mesma cumpre seu papel ou atribui à escola a responsabilidade de educar as crianças.

No capítulo II será destacada a análise da prática docente no ensino da leitura, trazendo informações sobre como os professores estão lecionando nos anos iniciais, tendo como foco principal, a leitura. Enfim, evidenciamos o entendimento dos discentes sobre a prática de leitura e a importância da mesma para a sua vida. Finalmente, nas considerações finais trago uma breve análise dos fatores que contribuem para a interferência de aulas com leitura, onde às vezes os problemas estruturais da escola e a metodologia tradicional dos professores são os principais responsáveis para o não rendimento de aulas significativas que possam desenvolver o ensino e a aprendizagem.

CAPÍTULO I

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA

Diversos autores concordam que leitura é um dos caminhos pelo o qual o indivíduo poderá satisfazer suas necessidades. Contudo, algumas pessoas desconhecem a importância da leitura. Por isso, devemos lembrar que a leitura proporciona aos alunos, formas de criar e recriar possibilidades de entendimento e reflexão para preencher sua vida com êxito e satisfação. Com relação a este aspecto Barbosa (1994, p. 28), diz:

A questão da aprendizagem da leitura é a discussão dos meios através dos quais o indivíduo pode construir seu próprio conhecimento, pois, sabendo ler, ele se torna capaz de atuar sobre o acervo de conhecimento acumulado pela humanidade através da escrita e, desse modo, produzir, ele também, um conhecimento.

Assim, a leitura é basicamente, o ato de atribuir significados através de uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar e com as circunstâncias. Ler é interpretar uma percepção sob as influências de um determinado contexto. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade a qual poderá ser fundamental para subsidiá-lo na construção de outros saberes.

A instituição escolar sempre associou leitura e a escrita, “pois todos aqueles que sabem escrever, logicamente sabem ler” Barbosa (1994, p.18), mas os docentes precisam considerar o ensino da leitura e escrita algo diferente e entender que os alunos que não sabem ler, conseqüentemente têm dificuldade para escrever ou simplesmente copiam sem de fato compreender o significado das palavras.

Através da oralidade as crianças poderão expor suas ideias, fazer argumentações e criticar a realidade, diante disso, desenvolver a leitura e a escrita deverá ser o principal objetivo dos anos iniciais. Desta forma, os professores precisam encontrar metodologias eficazes para cumprir as tarefas propostas e despertar o interesse das crianças pela leitura e escrita.

Nos dias atuais, em qualquer ambiente que os indivíduos frequentem se deparam com situações que exigem leitura simples ou complexa, pois segundo Fernandes (2002, p.40):

A sociedade brasileira se utiliza da escrita como um importante instrumento de comunicação, produção e operacionalização da vida cotidiana, seja para ler anúncios, identificar ônibus, obter e propagar informações, acessar ao mercado de trabalho, etc. Assim, a escolarização se impõe a todos os indivíduos como uma necessidade para a sua própria sobrevivência. Entretanto, no Brasil, ainda existem milhões de pessoas sem o domínio das habilidades da leitura, da escrita e do cálculo.

Diante desta realidade as pessoas devem estar atentas buscando ainda mais adentrar no mundo da leitura para que assim, possam se comunicar de forma clara e precisa, além de entender as mensagens expostas no nosso cotidiano e não fazer parte dos alarmantes números de analfabetos funcionais os quais decifram códigos linguísticos, mas no entanto, não compreendem a mensagem que está sendo propagada.

Portanto, ler e interpretar são questões de sobrevivência neste mundo globalizado, onde a escolarização não se resume em saber ler e escrever, enquanto habilidade de decodificação e codificação, mas vai muito além, pois o ato de ler ajuda a facilitar a sua vida em todos os sentidos.

1.1 O Papel dos Docentes

Os professores têm um papel importantíssimo no processo de formação e aprendizagem das crianças. Os anos iniciais é à base da aprendizagem, este alicerce deverá ser bem feito para que as crianças não tenham maiores dificuldades no seu futuro como estudantes, pois precisamos nos informar para nos mantermos atualizados e conseqüentemente participar ativamente das decisões do meio social a que pertencemos.

Desta forma, a metodologia aplicada pelos docentes deverá abranger diferentes formas de aprendizagens para aprimorar a leitura e a escrita. Por isso, os textos trabalhados em sala de aula, pelos professores, deverão ter o objetivo de atribuir um sentido condizente com o cotidiano dos alunos.

Assim, podemos observar claramente que antes de inserir um texto em sala de aula, deve-se observar qual a importância do mesmo para os educandos e acima de tudo valorizar o seu conhecimento já existente, aquele adquirido através das experiências. Nesse entendimento, Freire (1989), nos diz que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”.

Incentivar os alunos de forma que eles façam suas apreciações nas salas de aula é muito importante, pois é através desta metodologia que os professores despertarão o senso crítico dos alunos e ao mesmo tempo estarão trabalhando a oralidade individual de cada

um, a fim de que se consiga expandir o conhecimento adquirido ao longo da aula trabalhada.

A leitura sempre leva à produção ou construção de outro texto. Por isso, se faz necessário um incentivo ao hábito da leitura para que assim, os discentes possam não somente ler textos, mas dialogar com autores, contestando aquilo que não concordam, fazendo suas argumentações a respeito dos assuntos em questão, e desta forma, conseguindo se destacar como sujeitos do processo de leitura. É através deste diálogo, entre autores e educando, que acontece a interação entre os indivíduos, pois a leitura não pode ser entendida apenas como decodificação, ela deve fazer sentido para o aluno e trazer mensagens significantes para a sua vida.

Neste particular, Brandão (1997, p.77), afirma que o texto é constituído por duas instâncias:

No nível pragmático, o texto enquanto objeto veiculador de uma mensagem está atento em relação ao seu destinatário, mobilizando estratégias que tornem possíveis e facilitem a comunicação. No nível lingüístico-semântico, o texto é uma potencialidade significativa que se atualiza no ato da leitura, levado a efeito por um leitor instituído no próprio texto, capaz de reconstruir o universo representado a partir das indicações, pistas gramaticais, que lhe são fornecidas.

Diante do exposto, devemos ressaltar a importância do trabalho dos professores, uma vez que, este trabalho deverá sempre ser direcionado e planejado para que os textos inseridos em sala de aula, para os alunos dos anos iniciais, sejam de fácil compreensão, levando em consideração o desenvolvimento do hábito de leitura por parte dos mesmos.

Como a leitura é um processo de compreensão ampla, envolvendo diversos aspectos do ser humano, os professores deverão levar em consideração nesse processo de aprendizagem, a interferência da bagagem cultural que os alunos trazem para a sala de aula. Desta forma, no momento da leitura os discentes interpretam os textos sob a influência das suas experiências de mundo, portanto, aquilo que os alunos colocam nas aulas sobre o texto em debate poderá ter algumas informações que não estarão tal qual foi lido no texto, pois as suas reflexões já foram expostas através da sua interpretação individual.

Os docentes precisam também ensinar os alunos os diversos tipos de leitura existentes no cotidiano e as respectivas estratégias que devem utilizar para ler e compreender um determinado gênero textual, assim como afirma Barbosa (1994, p.155):

A escrita social, com caracteres e funções deferentes, propicia leituras diversificadas. Não se lê da mesma maneira um folheto de divulgação, uma receita culinária ou um livro de literatura. Lança mão de estratégias de leitura diferentes para aprender as informações contidas nos diferentes textos, e o nosso interesse nas informações e o objetivo desejado vai determinar o tipo de leitura a ser feito. Esta flexibilidade de atenção, as várias formas de ler para aprender o sentido dos textos, é fundamental para o homem e sua adaptação ao mundo moderno.

Portanto, são necessários que os professores levem para as aulas diferentes tipos de textos para que os alunos já adquiram o hábito de ler outros materiais que não seja somente o livro didático, pois no cotidiano a sociedade oferece aos alunos uma infinidade de leituras diversificadas, os quais precisam utilizar várias estratégias de leitura para compreender as informações contidas nestes textos escritos. Nesse entendimento, o aluno precisa de uma flexibilidade de atenção para aprender e compreender o sentido das leituras oferecidas pela sociedade moderna.

Assim, se faz necessário que os docentes considerem esta flexibilidade de textos e informações, pois eles podem adquirir vários sentidos, ou seja, o leitor vai atribuir um significado ao texto lido de acordo com o seu entendimento. Segundo Barbosa (1994, p. 155),

“É inconcebível imaginar que só se possa ler um cartaz, uma revista, um cardápio depois de se aprender a ler. Na verdade, esta concepção exclui do processo de aprendizagem exatamente as situações para as quais esta aprendizagem é fundamental”. Assim, antes dos alunos aprenderem a ler eles precisam ter contato com outras leituras que não fazem parte do material da escola, pois a partir disso eles vão compreender a importância de praticar outras leituras, como por exemplo: leituras visuais as quais poderão proporcionar a identificação de outros gêneros textuais.

Portanto, o autor enfatiza a necessidade de se trabalhar com diferentes tipos de textos, pois apesar de muitas pessoas estarem mais centradas em outros meios de comunicação, elas (professores) não podem excluir diversificados textos escritos das aulas, pois só assim haverá respeito à liberdade do leitor, de inserir o seu senso crítico sobre o assunto abordado.

Assim sendo, propagar e expandir ideias são também papéis dos docentes, pois nas suas aulas deverão estimular a criatividade e a imaginação dos alunos, uma vez que, é desta forma que eles poderão se tornar grandes leitores e escritores.

A escola tem um papel fundamental no que diz respeito à aquisição do hábito da leitura por parte dos alunos, pois mesmo com suas limitações, a escola é o espaço reservado à formação intelectual do indivíduo. Portanto, esta instituição deverá se preocupar em atrair para a leitura, as crianças e os jovens, sem tornar esta leitura uma obrigação, ou seja, essas crianças e esses jovens deverão aprender a ler por prazer através de aulas diferenciadas que incentivem os alunos a se sentirem sujeitos capazes de se sobressair diante de situações inovadoras que exige atitudes esclarecidas sobre leitura.

Apesar dos diversos problemas estruturais que a escola enfrenta, é nela, que a maioria das crianças aprende a ler. Diante disso, esta instituição, deverá estar bem preparada para alfabetizar, construindo um ambiente agradável para que os discentes se sintam bem num ambiente privilegiado, por oferecer a esses indivíduos a oportunidade de estar próximo a materiais específico para práticas de leitura.

Nesse sentido, é muito importante que a instituição escolar, através de seus docentes, possa incentivar os alunos a produzirem textos. Nesse entendimento, os docentes podem fazer trabalhos com os alunos, pois os mesmos poderão se sentir livres para pesquisar e construir sua aprendizagem e ampliar o seu conhecimento. Com isso, os discentes desenvolvem seu raciocínio e interagem com autores, tornando-se cada vez mais capazes de se posicionar a respeito dos temas abordados.

Dessa forma, é fundamental que o docente conheça bem os seus alunos para que assim, possa escolher os textos que irá trabalhar nas suas aulas, assim Pietri (2009, p.13) diz que:

A escolha do texto exige, portanto, que o professor conheça quem é o aluno que se encontra ali, a sua frente, na sala de aula. A escolha dos textos a serem lidos numa aula de leitura não pode ser feita antes de se saber quais são os conhecimentos que o aluno traz para o interior da escola.

Os docentes precisam ter cuidado ao apropriar-se dos textos para trabalhar nas aulas de leitura, pois é necessário proporcionar leituras agradáveis para que os alunos possam gostar de ler. Assim, é importante a relação que o docente ajuda a estabelecer entre o texto trabalhado e os discentes em sala de aula, com isso, o aluno poderá compreender a mensagem estabelecida pelo texto e identificar o sentido que esta mensagem tem para a sua vida.

Sendo assim, estas observações mencionadas anteriormente poderão facilitar o conhecimento prévio ou aspectos cognitivos que estão envolvidos no processo de leitura

para mediar as práticas sociais de leitura dos discentes, expandindo o seu vocabulário e melhorando o nível de interpretação dos textos, tendo como base as intervenções realizadas pelos professores em sala de aula.

Outro aspecto importante que os docentes precisam despertar nos alunos é a capacidade de pesquisar, para que eles possam solucionar problemas interpostos em determinados textos, ou seja, procurar o significado de palavras, por exemplo, para se ter um entendimento mais amplo da leitura realizada e retirar as informações desejadas. Desta forma, o ato de ler deixa de ser passivo, pois quando o leitor constrói novas possibilidades de leitura e passa a gostar mais das novas descobertas que envolvem os textos lidos.

Assim, através da metodologia dos professores, a escola poderá desenvolver a linguagem oral, e contribuir para o desenvolvimento das formas de expressões e, conseqüentemente, a efetiva consciência da importância de ser um leitor competente. Segundo Barbosa (1994, p. 28), “após o domínio da técnica, o indivíduo aplica esse saber teórico sobre a língua escrita, na prática da leitura”.

No entanto, a partir da decifração dos códigos linguísticos o sujeito poderá não só memorizar um texto, mas poderá compreender seu verdadeiro significado, pois é através da compreensão do mesmo que podemos considerar uma aprendizagem verdadeira, uma vez que, é a partir deste entendimento que o aluno construirá seu senso crítico e seu raciocínio lógico.

O mundo exige de nós, que sejamos leitores ativos e participativos e assim adentrar no mundo mágico que tem muitas coisas a nos oferecer e ensinar através das palavras. Essas leituras, guiadas por diferentes objetivos, produzem efeitos diferentes que modificam a ação do leitor diante do texto, fazendo com que este se sinta capaz de decidir e modificar a sua realidade de acordo com a sua necessidade.

O jovem e a criança precisam ser seduzidos para a leitura, para que estes possam ver e sentir o quanto é gostoso ler um bom texto ou um conto infantil e a partir desse ponto, viajar por inúmeras histórias e descobrir nos livros um mundo cheio de fantasias e sonhos. Portanto, através da interferência da bagagem cultural do homem sobre o processo de estruturação da sociedade podemos modificar o mundo e transformá-lo num lugar mais apropriado para exercer a nossa cidadania.

Apesar de todos os problemas funcionais e estruturais, é na escola que a maioria das crianças aprende a ler. Diante desta realidade, é necessário que as nossas escolas sejam vistas com bons olhos pelo poder público, para melhorar ainda mais as condições de ensino

e aprendizagem nos anos iniciais e os docentes possam melhor desenvolver o seu trabalho e construir um espaço adequado e propício para o desenvolvimento das crianças.

Nesse caso, fica claro que a escola, por ser pensada e estruturada com vistas à formação de sujeitos, constitui-se num ambiente privilegiado para a formação de leitores em processo de desenvolvimento de habilidades e competências. Embora, sei que há muitos anos a escola vem tentando incondicionalmente abrir espaços para garantir o acesso de todos ao mundo da leitura e escrita, contudo, muitas vezes ela não alcança êxito.

Nesse entendimento, muitas vezes a família atribui somente a escola a responsabilidade de ensinar os alunos a ler e escrever, pois “a educação passa a ser vista, pelos pais, como a esperança de ascensão social, poupando os filhos de um futuro de trabalhos considerados rudes e mal remunerados” Barbosa (1994 p.19). Entretanto, a família também pode contribuir muito na educação das crianças, pois as escolas dificilmente conseguem desenvolver um bom trabalho com resultados satisfatórios sem a contribuição da família, pois as crianças precisam do apoio dos pais e de suas experiências de vida para construir também a sua identidade enquanto sujeito social.

1.2 O Papel da Família

A família tem um papel primordial na educação das crianças, pois “[...] a palavra é o primeiro elemento transformador do mundo de que se vale o ser humano [...]” Duarte (1996, p.19). Portanto, é no ambiente familiar que as crianças falam as primeiras palavras e têm o seu primeiro contato com o mundo da informação, assim é nesse primeiro ato de falar que a família poderá inserir as crianças no mundo das informações através da oralidade e conseqüentemente através de palavras escritas. Assim, os pais são os primeiros professores das crianças e isso deverá ser visto pela família como uma oportunidade de incentivar as crianças a gostar da comunicação verbal e a comunicação escrita, ou seja, gostar de ler e escrever.

No entanto, a família muitas vezes se esquece do verdadeiro significado do ensino, que é tornar o homem um cidadão crítico e reflexível e não se sente responsável pela educação das crianças e isso acaba prejudicando o desenvolvimento destas na escola. Diante dessa constatação, podemos destacar que os pais poderão, através dos livros de literatura infantil, fazer também um trabalho muito importante para o desenvolvimento das crianças, pois é através do mundo da fantasia que elas brincam de ler, conduzindo a uma

manifestação de sentimentos e satisfação do seu interior, agindo de forma positiva aumentando sua capacidade crítica, e levando o sujeito a solucionar questões relacionadas à realidade.

Portanto, é no ambiente familiar que as crianças falam as primeiras palavras e têm o seu primeiro contato com o mundo da informação, é nesse primeiro ato de falar que a família poderá incentivar as crianças a aprender a ler. Desta forma, a família pode desde muito cedo inserir as crianças nesse mundo letrado, desenvolvendo nesses sujeitos diferentes habilidades de leitura.

Sendo assim, o contato dos sujeitos com atividades que envolvem a leitura poderá proporcionar uma experiência agradável antes mesmo desses indivíduos adentrarem à escola, pois as crianças gostam de ouvir histórias infantis na hora de dormir, por exemplo, e isso poderá ser um meio de fazer com que estes sujeitos se apaixonem pela leitura.

A família, portanto, não poderá jamais pensar que existe uma sociedade dividida em letrados e não letrados, pois no dia em qualquer lugar que passamos existem informações que exige leituras para que o indivíduo possa se orientar, assim como também, o mercado de trabalho pede cada vez mais de todos os homens conhecimento para atuarem em qualquer setor da sociedade. Como diz Pietri, (2009 p.12):

[...] pensar no ensino da leitura na escola, então significa pensar nas relações sociais envolvidas com a possibilidade de acesso à escrita, que se mostra muito mais complexa quando pensamos que nossa sociedade não se divide em comunidade letrada e comunidades não letradas, mas se constitui de grupos sociais com diversos níveis de letramento [...]

Como vimos, é importante que se considere as diferentes aprendizagens existentes no nosso meio social e que cada uma dessas aprendizagens são significativas para a vida dos sujeitos. Portanto, é necessário que se perceba que a instituição escolar poderá também contribuir com a formação do cidadão em processo de formação, pois não podemos negar que nesses espaços educativos os materiais escritos circulam mais entre as pessoas, mas as práticas de leitura jamais poderão se resumir aos espaços escolares.

Nesse sentido, a família não poderá entender que os problemas de habilidades de leitura poderão ser resolvidos somente na escola, pois segundo Pietri (2009, p.13), “o acesso ao material escrito é necessário, mas não suficiente para a formação de leitores na escola.” É a partir desse ponto que percebemos o verdadeiro significado da família na vida escolar dos alunos, pois na nossa complexa sociedade, onde existem diferenças sociais

alarmantes, a família precisa buscar diversos meios para que o discente possa acompanhar a evolução do conhecimento, seja através das instituições escolares ou não.

Sendo assim, é mais do que importante que as crianças sejam incentivadas a ler e escrever também dentro de suas casas, pois as escolas sozinhas não conseguem fazer tudo pelas crianças. O acompanhamento das atividades ou até mesmo uma simples contação de histórias infantis na hora da criança dormir poderá fazer muita diferença para a formação integral desses sujeitos leitores. Portanto, os pais deverão considerar a amplitude que envolve o ato de ler, conforme Luckesi (2011, p. 404):

Cabe-nos estar atentos ao que acontece em nosso dia a dia e investir, cada vez mais, na aprendizagem e no emprego de soluções conscientes em nossas relações com os educandos e também com as pessoas em geral, de sorte que esse modo de ser se vá tornando uma habilidade e, depois, uma capacidade, ou seja, um modo comum de agir em nosso cotidiano.

Diante desse aspecto, vale ressaltar que não podemos esperar somente que a escola desenvolva todas as habilidades das crianças, os pais são os principais responsáveis pelo desenvolvimento integral desses sujeitos, pois a leitura e a escrita também são de responsabilidades dos pais e não somente da escola.

Devemos considerar que a aprendizagem começa muito cedo na vida de uma pessoa, então as crianças começam aprender antes mesmo de adentrarem nas escolas. A grande diferença na aquisição do conhecimento escolar para o conhecimento não escolar é que a escola sistematiza os conteúdos abordados, mas isso não significa que o que as crianças aprenderam fora da escola não tenha significado. Nesse caso, a família poderá contribuir bastante com o desenvolvimento da aprendizagem das crianças, principalmente no que se refere à aquisição ou aprimoramento da leitura e escrita. Vale lembrar, que só seremos bons leitores se praticarmos a leitura e escrita, ou seja, só aprendemos a ler, lendo.

A leitura sem dúvida pode ampliar a nossa capacidade de comunicação e intervenção no mundo do conhecimento, pois a leitura pode abrir caminhos pelos quais os sujeitos poderão ampliar o seu entendimento sobre o acervo de informações existentes no mundo da leitura.

Diante de tais considerações podemos indagar: Como os professores desenvolvem o ensino da leitura nas séries iniciais?

CAPÍTULO II

ENSINO E PRÁTICA DE LEITURA NA ÓTICA DE PROFESSORES E ALUNOS

Apesar da leitura ser tão importante para a nossa vida, muitos pontos negativos da realidade atrapalham o desenvolvimento do ato de ler, pois muitas barreiras se interpõem ao nosso desempenho enquanto leitores. Por isso, muitas vezes os professores se sentem perdidos, pois muitos fatores como: indisciplina, inadequação do ambiente escolar etc. desfavorecem a relação de ensino e aprendizagem em sala de aula. Com relação à análise da prática docente em sala de aula apontarei aspectos que podem limitar ou potencializar a aprendizagem da leitura.

Assim, para que pudesse ter uma aproximação sobre características de professores que lecionam nos anos iniciais do ensino fundamental e qual é a sua visão sobre a leitura, mais especificamente o ensino da leitura e ainda qual o seu preparo para atuar nas classes iniciais do ensino fundamental foi realizada uma entrevista com duas professoras da rede municipal de ensino, composta por 10 perguntas, as quais foram respondidas uma de forma oral e outra de forma escrita. O conteúdo desta entrevista será abordado a seguir, a qual traz informações que podem ajudar na compreensão sobre como ocorre o processo de leitura nas salas de aula dos anos iniciais.

2.1 Práticas Docentes no Ensino da Leitura

A partir deste ponto destacarei as observações quanto à prática docente em sala de aula buscando relacionar com os dados das entrevistas e analisar pontos específicos do cotidiano da sala de aula que possam esclarecer como os professores trabalha a temática leitura e identificar possíveis respostas para a problemática, como é desenvolvido o processo de leitura nos anos iniciais. Aquino (2003, p.378), afirma em seu texto que:

Seja como for, das múltiplas queixas dos profissionais da educação contemporânea, talvez a mais recorrente seja aquela que desponta sob a alegação de “problemas de relacionamento interpessoal” em sala de aula. Indisciplina, agressividade, revanchismo e apatia são alguns sintomas levantados pelos educadores [...].

São comuns nas salas de aula os alunos não respeitarem a presença dos professores tornando as aulas quase sem aproveitamento e isso foi constatado nas duas salas de aula, onde realizei a pesquisa sobre o processo de leitura nos dias 12/03/12, 13/03/12, 14/03/12, 16/03/12, 19/03/12 e 20/03/12, pois os alunos não conseguiam ficar sentados por muito tempo e a professora B não conseguia explicar o conteúdo e segundo ela, todos os dias aquela situação prevalecia na sala de aula, pois a turma era bem numerosa, um dos fatores que prejudicava o desenvolvimento das aulas.

Realmente foi constatado que nos dias de observação, a turma da professora B era composta por 32 alunos e a sala de aula muito quente, tornando o ambiente inadequado para um bom rendimento das aulas, pois para que os alunos pudessem copiar do quadro era necessário fechar todas as janelas, já que eles não conseguiam enxergar o que estava escrito no quadro-negro. Então, ao fechar as janelas da sala de aula a temperatura se elevava ainda mais. Desta forma, era quase impossível permanecer naquele ambiente, onde os alunos eram inquietos e sem concentração e a professora não conseguia controlar o barulho dos alunos, pois a desordem não era decorrente apenas da falta de desejo de querer estudar por parte dos alunos, mas as condições físicas inadequadas do ambiente contribuíam para o fato de não ter uma aula com rendimento satisfatório.

Enquanto a sala de aula da professora “A” era constituída por 15 alunos e o ambiente era bem mais arejado, contudo, o rendimento das aulas também não era satisfatório, pois os alunos não tinham muita concentração. Desta forma, não se pode atribuir a culpa do pouco rendimento das aulas somente as condições de espaço e ao elevado número de alunos dentro da sala, ou seja, o problema nas escolas aparentemente se configura num conjunto de interferências que não permitem que a educação ocorra de forma significativa, pois a falta de entusiasmo dos alunos pelos estudos, as condições estruturais do ambiente escolar e a metodologia tradicional dos docentes no ensino, não só da leitura, mas também de outras aprendizagens faz com que a aprendizagem, muitas vezes, fracasse. Como afirma Cordeiro (2007, p.13):

Se algum estudante do século XVIII ou XIX pudesse ser transportado numa viagem pelo tempo até os dias de hoje e, por acaso, caísse numa sala de aula, ele se encontraria no que lhe parecia um ambiente familiar. Alguns detalhes poderiam parecer diferentes, mas muito seria reconhecido: uma sala retangular com cadeiras e mesas, um quadro-negro à frente, um adulto controlando ou supervisionando as atividades, várias crianças ou jovens, todos mais ou menos da mesma idade, cumprindo algumas tarefas, instrumentos e suporte para receber a escrita (antes, giz e

pequenas lousas de ardósia e o grande quadro-negro; mais recentemente, lápis, canetas, cadernos e folhas de papel), livros e, eventualmente, outros instrumentos que poderiam ser percebidos com alguma facilidade como sendo escolares-mapas, quadros, ilustrações etc.

Assim, percebemos que o método utilizado nas aulas hoje não é muito diferente de alguns dados atrás, pois ainda existe a mesma organização do ambiente, ou seja, cadeiras enfileiradas, alunos o tempo todo copiando do quadro-negro e docentes ministrando aulas somente utilizando o livro didático. Enfim, tudo se configurando num modelo tradicional de ensino, pois os professores às vezes têm a ilusão de que os alunos aprendem mais através de cópias e não reconhece o direito dos discentes de pensar por si só e se reconhecer como agente transformador da sociedade. Diante disso, destaco que essa metodologia tradicional de ensino foi constatada nas duas salas observadas, pois todo o tempo que permaneci na escola as professoras justificavam que não dava para dar uma boa aula, pois os alunos não deixavam porque “não queriam nada”.

Na entrevista feita à professora ¹ A pergunta foi o seguinte: qual é a sua formação? A professora respondeu que:

Mulher! Como é que eu vou dizer em que é que eu sou formada se eu comecei um curso e desisti, né! Eu comecei um curso em Cajazeiras, História, mas no 5º período eu desisti. Só que eu só tinha o Logos e o Científico porque naquele tempo para ser professora precisava ter o Logos ou o Pedagógico. Eu fui fazer o Logos por isso, porque só podia ensinar quem tivesse o Logos ou o Pedagógico por isso, senão eu perdia a sala de aula. Agora eu faço aquela faculdade do final de semana para não perder a sala de aula.

Questionei a esta docente: Seu Curso Pedagogia? “Não, é ciências biológicas, pois pedagogia só dá direito a ser diretor”. A falta de informação dessa docente sobre o curso de pedagogia é clara, embora seja o curso adequado para ela que está nos anos iniciais do ensino fundamental há tanto tempo.

Desta forma, a visão sobre formação inicial e continuada da docente A, deixa muito a desejar, pois não tem uma visão ampla sobre a necessidade de renovar ou ampliar os conhecimentos. Portanto, como é que esta docente vai falar sobre a importância da leitura ou do estudo se ela própria só busca formação para “não perder a sua sala de aula”. Martins

¹ “A” se refere à professora do 5º Ano do Ensino Fundamental em Nove Anos e “B”, à docente do 4º Ano do Ensino Fundamental em Nove Anos.

(1999, p.12), diz que: “os estudos da linguagem vêm revelando, cada vez com maior ênfase, que aprendemos a ler apesar dos professores [...] Assim, a autora reconhece que nem sempre nas salas de aula existem docentes capacitados para lecionar, os quais muitas vezes mais prejudicam a situação das classes iniciais em que atuam, pois a falta de interesse dos alunos pelas aulas e indisciplina é evidente, o que foi constatado durante os dias de observação feitos na escola (12/03/2012 ao dia 20/03/2012). Desta forma, este fato da indisciplina é preocupante, pois nestas turmas observadas os discentes estão no auge do despertar das habilidades de leitura.

Ressalto também, que essa situação relatada pela professora A, não pode ser generalizada, pois nem todos os professores pensam desta maneira, por isso ao questionar sobre a formação docente com a professora “B”, ela disse: “*Licenciatura plena em pedagogia com área de aprofundamento em gestão em processos educacionais*”. Desta forma, percebemos também que nem todas as salas de aula estão nas mãos de professores sem formação específica, embora esse fato não signifique que estes docentes realizam aulas mais atrativas. Muitas vezes, a aula não flui da melhor forma possível devido à interferência de outros fatores como a indisciplina dos alunos, por exemplo.

Entretanto, um dos aspectos que desfavorecem o processo de aprendizagem em todos os sentidos, inclusive com relação à aprendizagem da leitura, foi a indisciplina dos alunos, pois a falta de concentração e inquietação da turma causava conflito nas relações interpessoais dentro da sala de aula. Portanto, as professoras não conseguem êxito devido à falta de concentração, a qual não permite o estabelecimento de uma relação entre a memória e a leitura.

Sobre a questão, “qual é o seu tempo de serviço?” A professora “A” respondeu: “*Ensino desde 98, há 13 anos. Sempre ensinei as séries iniciais, sempre [...] Vai fazer agora cinco anos que eu ensinei o 5º ano. Esse ano eu estou com a turma do 5º Ano*”. A professora afirma que sempre ensinou nos anos iniciais e mesmo assim não procurou atualizar-se dentro de sua área. Apesar dos vários anos de experiência em sala de aula, citado pela docente A, ela precisa compreender que o conhecimento está em constante renovação, e, portanto, é necessário que os professores busquem se atualizar para não serem caracterizados como despreparados para lidar com situações inusitadas do cotidiano das escolas. Como diz Morin (2000, p.31), “daí decorre a necessidade de destacar, em qualquer educação, as grandes interrogações sobre nossas possibilidades de conhecer”.

Portanto, no âmbito educacional o professor deve estar aberto a novos conhecimentos em qualquer lugar e principalmente na escola, a mente deve estar preparada para novas possibilidades para assim, articular e organizar os conhecimentos e que estes possam servir a humanidade procurando formar alunos críticos e reflexivos através da leitura. Nesse entendimento a professora “B” falou sobre o seu tempo no magistério: *“Tenho uns 10 anos de serviços na Área de Educação Infantil. Esse ano estou com o 4º ano do ensino fundamental I, ou seja, meu primeiro ano, estou apenas com duas semanas”*.

Apesar da professora ser novata naquele ano (4ºano) ela disse que deseja realizar um bom trabalho e ainda não começou porque os discentes não colaboram, pois a turma é bem numerosa, e portanto, não param para ouvir a explicação do conteúdo trabalhado pela docente, por isso, segundo ela ainda não começou a trabalhar a leitura. Assim, a professora “B” não tem conhecimento dos projetos de leitura desenvolvidos pela escola e como não trabalhou no ensino fundamental no ano passado, e estando apenas com duas semanas de aula, ainda não fez atividades de leitura.

A escola, na qual realizei a pesquisa trabalha com “projetos didáticos” e um dos projetos desenvolvidos pela unidade de ensino observada é sobre leitura. Assim, os professores utilizam um projeto modelo e adaptam a sua realidade de sala de aula, pois esse projeto de leitura é um meio sistemático para os professores desenvolverem, de forma organizada, a leitura nas suas salas de aula. (ver projeto em anexo)

Com relação à questão “o que é leitura para você?” a professora “B” disse:

Leitura, falando em leitura sem dúvida, é o ato de ler como também de escrever, a leitura desempenha um papel importante no cenário social, pois é através dela que o ser humano consegue expressar-se, defender suas ideias, enfim interagir com o outro, posiciona-se (sic) a compreensão do mundo.

A docente ‘A’ falou sobre esse ponto que: *“Eu acho assim, leitura é um ponto mais principal (sic) do aprendizado do aluno. Porque os alunos têm (sic) que saber ler e escrever, né!”*. Desta forma, as professoras reconhecem que ler é fundamental, mas afirmam que ainda não começaram a trabalhar com o projeto de leitura neste ano, mesmo sabendo da sua importância para o desenvolvimento dos alunos, pois a professora “A” ressaltou:

Quem inventar um projeto de leitura é muito bom pra aprendizagem, para o desenvolvimento do aluno. Porque tem aluno no 7º Ano que não sabe ler porque não tem o hábito da leitura. Com esse projeto melhorou não 90% e 100% mas melhorou muito. Só um aluno ter toda semana aquela leitura, ele com o tempo a cada dia vai aprendendo mais e mais, pois se ele não tem o hábito de ler, por isso não vai ler correto. Como tem aluno no 8º ano 9º ano que não sabe ler correto, pois não têm o hábito da leitura nem participa desse projeto de leitura.

Diante de tal afirmação cabe questionar que sentido tem a leitura para esses alunos que não sabem ler no 7º, 8º e 9º ano, mencionados pela docente “A”, o que ocorreu no percurso destes alunos para que não aprendessem a ler? .

Segundo Martins (1999, p.19), “A psicanálise enfatiza que tudo quanto de fato impressionou a nossa mente jamais é esquecido, mesmo que permaneça muito tempo na obscuridade do inconsciente”. Essa constatação evidencia a importância da memória tanto para a vida quanto para a leitura. Daí a importância de levar textos significativos para os alunos. No entanto, nas aulas observadas não foi constatado nenhum texto diferenciado, pois as poucas leituras praticadas eram feitas no livro didático, se configurando em leituras superficiais e improvisadas. A professora “A”, numa conversa informal, relatou que: “*Não tenho tempo de preparar aulas para você observar, então é melhor que esta pesquisa seja realizada em outra turma*”.

Notei no dia 12/03/2012 que a docente realmente não tinha planejado a aula, pois ela estava usando o caderno de planejamento de quando ela tinha dado aula no 5º ano, em 2007, assim como também a maior parte do tempo ela utilizava o livro didático, mas não fazia nenhuma discussão do assunto, pois no momento em que foi realizada a leitura na sala de aula simplesmente a professora leu o texto do livro e depois mandou que cada aluno lesse um parágrafo, mas não fez nenhum questionamento ou discussão do texto. Vale ressaltar, que num determinado momento da história lida, a qual trazia como personagem uma ratinha chamada Maria de Fátima, todos os alunos riram, pois tinha uma colega de classe que tinha o mesmo nome e os colegas ficaram zombando da menina, mas a professora não tomou providências, simplesmente riu e não se posicionou sobre o assunto para acabar com a falta de respeito dos colegas. Então, percebi que a docente não estava preparada para resolver aquele tipo de situação, pois o próprio texto falava de amizade e respeito e a professora não usou essas informações para chamar a atenção dos alunos e ensinar que devemos respeitar todos os amigos.

Assim, fica evidente que a falta de planejamento e execução, também interferem no desenvolvimento de aulas que tratam a leitura como foco principal, pois os professores estão muito apegados ao livro didático, embora às vezes a situação de sala de aula imponha o uso o livro, pois os discentes só param um pouco a inquietação se estiverem copiando. Apesar de que este fato é ocasionado por aulas tradicionais ministradas pelas duas docentes observadas. Assim, ressalto que esta realidade foi constatada nas duas salas de aula observadas, uma vez que, o recurso didático mais utilizado pelos docentes para trabalhar não só a leitura, mas outros saberes, é o livro didático, o qual muitas vezes traz leituras que não condizem com a nossa realidade, e, portanto, não estimulam a criatividade e senso crítico dos alunos, pois quase sempre os alunos só reproduziram o que estava escrito no livro e não construíam o seu próprio conhecimento.

Uma das questões formuladas foi a seguinte: “A escola possui uma biblioteca?” Professora do “A”:

Sim. Agente pegava os livros do projeto de leitura lá. Para fazer o projeto de leitura, aqueles livros de contos. E também para os alunos levarem para casa onde tem uns que leem e outros só pegam. Tem uns que no ano passado que não sabiam ler mais pegavam os livros e liam só pelas gravuras. Agora esse ano eu não levei eles para a biblioteca porque não iniciei o projeto de leitura, mas eu boto eles pra ler na sala pra eu descobrir quem sabe ler e quem não sabe ler.

Um fato que me chama a atenção é que, segundo a docente, ela só trabalha a leitura, mediante a existência de um projeto e quando não existe esse projeto tão mencionado, pelos professores, a leitura não é trabalhada? É importante ressaltar a falta de criatividade evidenciada pela professora, pois não consegue ministrar aulas de leitura sem um projeto para nortear as suas ações. Assim, como fica sua autonomia na sala de aula, será que isso é falta de criatividade ou comodismo?

Destaco que o projeto utilizado pela docente A, nas suas aulas foi elaborado por outra professora da escola observada, a qual teve como subsídio um projeto contido na revista nova escola. Assim, a partir de 2009, a docente que elaborou o projeto de leitura começou a trabalhar na sua sala de aula e depois a secretaria de educação do município fez com que os outros professores utilizassem também o mesmo projeto. Desta forma, a adesão ao projeto não se deu de forma voluntária, portanto a professora ‘A’, também teve que utilizar o projeto de leitura. A professora “B”, como tinha trabalhado sempre na

educação infantil e só esse ano está no ensino fundamental ainda não desenvolveu o projeto de leitura citado.

Num outro ponto citado pela docente A, percebemos que ela não atribui tanta importância em levar os alunos à biblioteca para que estes possam ter contato com o acervo de livros e conhecimento na medida em que eles mesmos podem escolher as obras que desejam ler, pois conforme Berenblum (2009, p. 12), diz:

[...] a biblioteca é espaço próprio de organização e disponibilização de materiais diversificados de obras de referência a periódicos; de livros de literatura a obras de não-ficção, de mapas e novas tecnologias- lugar em que se promove a sociabilidade, mas principalmente a democratização do conhecimento.

Por isso, cada aluno tem direito ao acesso às obras e ampliar o seu conhecimento e nada mais adequado para que isso ocorra do que o espaço da biblioteca escolar.

Em seguida a professora do “A”, diz: *“Tem uns três alunos que não sabe (sic) ler, mais eu me informei da professora passada que disse que eles não querem nada. Mas, eu vou tentar ver se eles aprendem alguma coisa, pelo menos um ou dois”*. Com essas informações percebemos que a professora já rotula os alunos no início do ano, não acreditando que alguns alunos possam aprender. Em relação a isso Alonso (2003, p. 10), fala:

Nesse contexto é muito difícil imaginar quais os melhores caminhos a seguir quando se pretende formar os jovens e as crianças, ou mesmo decidir sobre a conveniência de se ensinar esse ou aquele conteúdo disciplinar, tendo em vista as necessidades que eles terão, ou os problemas que deveram enfrentar [...]

A docente precisa encontrar meios que facilitem a aprendizagem dos discentes e os envolvam na aprendizagem através de conteúdos atrativos, a fim de despertar esses alunos para se envolverem com os assuntos trabalhados.

Assim, nesse contexto educacional, os desafios que a professora enfrenta não são poucos, mas é preciso redimensionar o seu papel de educadora e buscar caminhos para mudar a realidade na sala de aula em que atua, uma vez que é inaceitável que alunos no 5º ano não saibam ler e nem escrever.

No entanto, não se deve taxar os alunos e dizer que “eles não querem nada”, pois com esse entendimento o nosso olhar não nos deixa enxergar as possibilidades e caminhos

que poderão ampliar as nossas estratégias de ensino. Quando questionei: quantas vezes por semana você leva os alunos para a biblioteca? A professora “A” disse: *“Eu ainda não estou levando os alunos para a biblioteca porque são alunos repetentes que não querem nada”*.

Foi constatada na observação da sala de aula das docentes, a falta de respeito entre alunos e professoras e mais especificamente a professora A, uma vez ou outra, agredia um aluno com palavras constrangedoras e isso se configurava em mais um ponto negativo para a realização da aula e incentivo aos alunos para o desenvolvimento do gosto pelo estudo, prejudicando, assim a sua concepção sobre a importância de estar na escola e aprender a ler, escrever e refletir.

A professora “B”, ao ser questionada sobre se leva os alunos para a biblioteca ela disse que: *“Bem ainda não levei por estar há duas semanas apenas com a turma de alunos numerosas não tenho como levar, mas pretendo levar sim, fazer isso pelo menos uma vez por semana”*. A docente “B” está apostando na divisão da turma para que a mesma possa trabalhar com os alunos, mas se esta turma não for dividida, ela afirmou numa conversa informal, que: *“Não posso fazer muito pelos alunos, pois a situação que prevalece na minha sala de aula é algo quase que incontrolável, pois os alunos não estudam e simplesmente esperam as horas passar e depois vão embora como se já tivesse cumprido a sua obrigação do dia”*.

Percebo nas palavras das professoras “A” e “B” uma falta de entusiasmo, pois elas não estão apostando muito no rendimento das turmas, uma vez que, a cada momento da entrevista as duas docentes falam de forma negativa a respeito do interesse dos alunos, ou seja, estão sempre procurando culpar alguém pelo fracasso das aulas ministradas.

Nesse sentido, percebo o quanto a indisciplina e o fato dos alunos não quererem estudar atrapalha o processo de leitura e os demais conteúdos curriculares, mas quando a professora fala que se a turma não for dividida ela “não pode fazer nada” é lamentável, pois não podemos cruzar os braços e deixar que as coisas aconteçam para solucionar os problemas existentes, mas sim, precisamos nos comprometer e entender que somos capazes de solucionar algumas dificuldades, principalmente dentro da nossa sala de aula. Sobre isso Aquino (2003, p. 380), fala:

No varejo pedagógico, o aluno-problema é tomado, em geral, como aquele que padeceria de certos “distúrbios psicopedagógico”; distúrbios estes que podem ser de natureza cognitiva (os tais “distúrbios de aprendizagem”), ou de natureza comportamental e nessa última categoria enquadra-se um grande conjunto de ações que associamos usualmente a

noção de indisciplina”. Desta forma, a indisciplina e o baixo aproveitamento dos alunos tornam-se duas faces de uma mesma moeda, representando ao mesmo tempo os dois grandes males da escola contemporânea, bem como os dois principais obstáculos para o trabalho docente.

Nesse entendimento, a indisciplina realmente prejudica muito o rendimento escolar e conseqüentemente o ensino da leitura, pois apesar de se pensar métodos pedagógicos inovadores os alunos do 4º e 5º ano que estão no auge da inquietação, não conseguem se concentrar nas aulas e assim, não têm muitas vezes um rendimento escolar satisfatório. Ressalto que não posso também atribuir o fracasso escolar dos alunos somente à indisciplina, pois vários são os fatores que contribuem para o não aproveitamento escolar, como enfatizo a falta de ambiente propício à aprendizagem, como também, a falta de uma prática pedagógica inovadora por parte das docentes “A” e “B”, para chamar a atenção dos alunos e amenizar a indisciplina.

Indaguei à professora “A”, sobre que tipo de atividade ela solicita dos seus alunos, com relação à leitura, e ela respondeu da seguinte forma:

No Primeiro dia de aula eu fiz um teste de sondagem, preenchi umas fichas e questionário para ir avaliando a situação de cada aluno na sala de aula, pra ver quem sabia e quem não sabia. Eu faço ficha porque você sabe que leitura deve ser praticada, tanto a leitura como a escrita! Ai eu faço texto, ai eu boto pra responder questões pessoais do texto, só assim que eu faço porque com o tempo é que agente vai preparando coisas melhores vai vendo a capacidade de fazer, que vai depender de cada um. Porque você tem que passar uma atividade de acordo com os saberes deles, porque você não vai passar uma atividade que eu sei que ele não tem capacidade de responder, pra tá mim perguntando, porque eles têm (sic) essa mania de chegar e dizer é assim professora? No ano passado eu passei uma atividade que a resposta era pessoal e eles queriam que eu desse a resposta e eu não podia, que a resposta era pessoal.

Sabemos que não podemos dar respostas prontas e acabadas aos alunos, porém, não podemos também, enquanto docentes, negar ajuda quando estes não sabem por onde devem começar a responder os exercícios propostos, pois precisamos abrir os caminhos pelos quais os discentes deverão percorrer para encontrar a resposta correta ou construir a sua a partir do seu entendimento. Portanto, fica evidente nas palavras da docente que esta não sabe qual é o seu verdadeiro papel, pois como ela não gosta quando o aluno questiona sobre o exercício ou vai tirar suas dúvidas percebo que essa profissional está equivocada quanto ao seu papel de educadora conforme Celistre e Silva (2004, p. 103), “como foi dito,

a tarefa de educar é, sem dúvida abrangente e complexa. Talvez seja isso que a faça tão instigadora; mas será que todos os profissionais da educação tem consciência disso? [...]"

É preciso que os professores tenham clareza do seu papel de educadores e não devem achar que os alunos são depósitos de informações, sem um censo crítico, mas capazes de questionar, tirar dúvidas e pesquisar aquilo que não conhecem. Assim, é importante também que os professores estimulem as inquietações dos alunos, na busca do conhecimento, que incentivem eles a pesquisarem e através deste meio consigam aprimorar a sua leitura e o seu vocabulário.

Com relação ao preparo de atividades de acordo com os saberes dos alunos, a docente não vai passar nada que os alunos não têm capacidade de responder, é muito importante que o docente repense este aspecto, pois não devemos subestimar a capacidade dos alunos, pois se sempre for feito só o que o aluno possa responder sozinho, ele não terá a oportunidade de ampliar o seu conhecimento. Nesse mesmo entendimento Gomes (2002, p. 23), na análise de resultado de sua pesquisa diz que:

O que se viu também foi que a profecia que se auto-cumpre e o efeito Mateus direcionou a prática pedagógica observada. Deu-se às crianças o que elas conseguiam fazer sozinhas, pois segundo a professora não adianta dar coisas muito difícil porque eles não conseguem fazerem sozinhos e eu tenho que fazer junto com eles [...]

Assim, a autora diz que a docente observada, nesse sentido, perde a oportunidade de intervir na aprendizagem desses alunos e proporcionar a reconstrução do conhecimento, pois é através dessa interação social que a criança aprende e se desenvolve. Através do discurso a docente "A" mostra o desconhecimento acerca da visão de "Zona de Desenvolvimento Proximal" elaborada por Vygotsky, a qual pode auxiliar e intervir no processo de aquisição da leitura, assim como também de outras aprendizagens.

Com referência à questão citada anteriormente sobre a atividade de leitura desenvolvida pelas docentes em sala de aula, a professora "B", respondeu:

Por ser o primeiro ano no ensino fundamental I, e principalmente por está com uma turma do 4º ano pretendo trabalhar sim leitura, como também solicito no processo de leitura, trabalhos interdisciplinares, assim objetivando o aluno a vivenciar nas diversas áreas do conhecimento. Acredito que trabalhar e dá subsídios de leitura aos alunos é aflorar a expressão a compreensão artística dos alunos, nas artes literárias tais como contos, poesia, dissertação, revistas, cordel entre outros textos literários. Vejo que este possui um valor positivo

benéfico de despertar no aluno forma de lazer e prazer de aprender e compreender o mundo ou ir além da imaginação, descobrindo novas possibilidades de agir sobre ele ou melhor (sic) viver e conviver no mundo que nos cerca.

Diante de tais declarações posso ressaltar que a professora ainda não trabalha a leitura, porém, tem uma visão coerente sobre a importância do ensino da leitura, o que talvez seja explicado à falta de experiência no Ensino Fundamental I, pois a professora só tinha trabalhado nos anos anteriores na educação infantil, além disso, as situações como: sala superlotada, calor excessivo etc. que interferem nesse processo de desenvolvimento de aulas com leitura, se articula com aulas tradicionais, uma vez que a metodologia que se estabelecia, era copiar do livro para o caderno ou do quadro negro para o caderno, o que contribuem para dificultar o ensino da leitura.

Questionei a docente “A: “Como você avalia o desempenho dos alunos na leitura?”

É através da ficha de sondagem porque sempre eu faço pra mim (sic) descobrir como estar à situação da aprendizagem do aluno, se tá bom, se tá ruim. Então, eu faço logo este teste, mas com o passar do tempo eu vou avaliando. Se eu faço uma atividade todos os dias na sala de pesquisa eu estou avaliando o aluno, ai eu já tô (sic) observando o aluno, quem quer, quem não quer, quer dizer é uma avaliação contínua, se você esta todo dia na sala fazendo as atividades, fazendo os textos, você esta avaliando o aluno.

Quando questionei sobre avaliação, as docentes não entenderam que estava me referindo a leitura, e, portanto começaram a relatar as avaliações dos outros componentes curriculares as quais são feitas bimestralmente ou continuamente por poucos professores. Nesse sentido, foi constatado nos dias em que observei suas aulas, que a professora desenvolve um trabalho de avaliação contínua, pois todos os exercícios feitos são para obtenção de pontos para ajudar na nota bimestral, embora isto seja uma metodologia para obrigar ou convencer os alunos a responderem a questões apresentadas pelas professoras “A” e “B”, pois foi constatado que a cada exercício os alunos perguntavam se valia ponto.

Assim, a cada exercício feito pelos alunos a docente dava um visto que serviria para ajudar na nota. Mas, a nota não se resumia somente aos exercícios, ocorriam também às avaliações bimestrais as quais também não ocorria somente de forma contínua, uma vez que as professoras observadas mencionaram que os alunos deveriam estudar, pois elas iriam passar prova, e então eles precisavam estudar para tirar boas notas.

Assim, quando as docentes mandam os alunos estudarem porque têm prova entendo que esta estratégia é algo fixado culturalmente na mente docente e que muitas vezes não refletimos sobre a forma de ver a importância de estudar, pois não se deve ter a preocupação de estudar só porque vai haver prova, mas precisamos nos libertar e entender que não podemos avaliar os alunos somente num momento de prova, além do mais não devemos usar a prova para punir os alunos que não estudam. Portanto, segundo Fernandes (2008, p.19):

Até que ponto, nós, professores, refletimos sobre nossas ações cotidianas na escola, nossas práticas em sala de aula, sobre linguagem que utilizamos, sobre aquilo que pré-julgamos ou outras situações do cotidiano? Muitas vezes, nosso discurso expressa aquilo que entendemos como adequado em educação e aquilo que almejamos. Isso tem seu mérito! Contudo, nossas práticas, imbuídas de concepções, representações e sentidos, ou seja, repletas de ações que fazem parte de nossa cultura, de nossas crenças, expressam um “certo modo” de ver o mundo. Esse “certo modo” de ver o mundo, que esta imbricada na ação do professor, traz para nossas ações reflexos de nossa cultura e de nossas práticas vividas, que ainda estão muito impregnados pela lógica da classificação e da seleção, no que tange à avaliação escolar.

Nesse sentido, os educadores acabam usando as atividades como uma forma de impor medo aos alunos e classificá-los. Isto ocorre porque é uma prática estabelecida culturalmente. Desta forma, esta estratégia utilizada pelas professoras acaba inibindo ou constringendo os discentes os quais algumas vezes ficam retidos pelo medo de errar e ser taxados como “aluno problema” ou que “não aprende nada”. Portanto, é necessário que o professor seja um mediador da aprendizagem e nos momentos de leitura, leve em consideração todos os aspectos que envolvem o processo de aprendizagem para que não seja medido o desenvolvimento do educando somente através de notas quantitativas.

Assim, com referência à indagação: “Como você avalia os alunos na leitura?” a professora “B” disse: *“Pelo que observei vejo muitas dificuldades não só na leitura, mas na escrita também”*.

Mais uma vez constatamos uma realidade em que os alunos têm dificuldades de leitura e escrita. No momento em que estava em sala de aula percebi que alguns alunos não reconhecem algumas letras do alfabeto, portanto, não sabem nem ler como deveriam, e tão pouco escrever, mesmo estando no 4º ano. Nesse sentido, a professora também enfrenta mais essa dificuldade para trabalhar níveis de leitura mais avançados, como por exemplo, a interpretação, pois alguns alunos precisam ainda ser alfabetizados.

No tocante a questão quantos alunos da turma sabem ler? O que você faz para resolver as dificuldades de leitura dos demais alunos? Professora “A”:

Eu não contei não, mais a maioria sabe ler, maioria. Quanto às dificuldades de leitura dos que não sabem ler eu não sei nem como eu vou fazer. Porque uma turma com vinte alunos têm três que não sabem ler. Assim, tem uns mais adiantados outros mais atrasados. Tem três que não conhecem nem o alfabeto. E aí! Eu estava pensando o que é que eu vou fazer com esses alunos? Eu vou chegar e ensinar como se eu estivesse ensinando uma turma multisseriada? Vou pegar eles três e ensinar o alfabeto? Assim, eu nem sei como ainda eu vou trabalhar com esses alunos [...]

Realmente existe uma heterogeneidade em sala de aula quanto aos níveis de aquisição da leitura, mas a docente precisa realmente refletir e buscar alternativas para trabalhar com esses alunos, pois como afirma Lima (2008, p.19), “‘A ação pedagógica implica, portanto, numa relação especial em que o conhecimento é apropriado’. Para tanto, o educador necessita adequar sua prática pedagógica às possibilidades de desenvolvimento e de aprendizagem de seus educandos. [...]”.

Desta forma, a docente precisa pesquisar e buscar orientação para que sua mediação entre o conhecimento e o educando ocorra de forma que todos possam ter acesso às informações e aprender cada um de acordo com suas possibilidades.

Sabemos que o sistema de ensino brasileiro é falho, pois no dia a dia presenciamos docentes preocupados com a realidade de alunos que estão no 4º e 5º ano do ensino fundamental, que não sabem ler e muitas vezes nem são alfabetizados, pois o sistema exige que os alunos avancem de série, pois nas três primeiras séries do ensino fundamental não pode haver reprovação, pois estas séries são consideradas um ciclo de alfabetização que não pode ser interrompido. A Resolução CNE/CEB nº 07 de 14/12/2010, Novas Diretrizes Curriculares para o Ensino Fundamental de 9 anos no Art. 30 em seu inciso III e parágrafo primeiro diz que:

[...] a escola, mesmo em regime seriado, deve considerar os três primeiros anos do Ensino Fundamental como se fosse um bloco ou um ciclo sem interrupção. Isso significa que não deve haver nesse início de Ensino Fundamental a retenção privilegiando, no entanto, a alfabetização e o letramento, além das diversas formas de expressão.

Desta forma, independentemente do aluno saber ou não ele tem que avançar de série, contudo, esses discentes chegam muitas vezes no 4º e 5º ano ou até mesmo no ensino fundamental II (6º ao 9º ano) sem saber nem ler e tão pouco escrever.

Em seguida a professora “A” disse:

Eu vou falar com a Diretora a respeito desses alunos que estão atrasados no 5º ano, porque se eles ficarem junto com a turma de 5º ano, que sabe ler e escrever eles vão ficar prejudicados. Como é que eles vão aprender a ler se eles não sabem o alfabeto todo? Às vezes eu passo palavras no quadro, perguntando pra ver se eles conseguem ler, vou perguntando as letras do alfabeto pra ver se eles conseguem dizer. Às vezes eles dizem umas palavrinhas, palavrinhas simples, palavrinha solta. Mais tem aluno que se eu perguntar uma palavra que tem um T eles não sabem o que um T. Primeiro tem que conhecer o alfabeto pra aprender a ler. Alunos repetentes! Repetente de todas as séries. Como é o caso do aluno X, Y e Z onde o aluno X passou de série por conta da idade e não sabe nenhuma letra. Agora escrever eles sabem, sabem tirar do livro bem direitinho, mas não conhecem as letras.

Assim, percebemos que os alunos simplesmente copiam sem entender o que estão escrevendo e isso não é uma aprendizagem significativa, pois precisamos saber claramente o que estamos escrevendo para que assim possamos construir e elaborar outros conhecimentos.

No discurso da docente uma das alternativas para solucionar o problema seria tirar esses alunos do meio dos outros que sabem ler, mas será que essa é a melhor saída? Pois, seguindo nesse raciocínio a docente diz:

“Se você ver a letra do aluno X é linda não parece que a letra é dele. É um distúrbio, não é outra coisa. Só um distúrbio de aprendizagem. Eu pedi ajuda da família pra levar ao psicólogo mais a mãe disse que o pai não aceitou[...]”. Vou falar com a Diretora pra botar o aluno X na EJA à noite porque se não ele vai ficar prejudicado e não vai aprender nada não. Na situação que este aluno estar ele dar mais certo na EJA porque não sabe de nada.

Dizer que o aluno não sabe de nada é algo um tanto exagerado, pois como está o conhecimento de mundo desse discente? Além disso, rotular e dizer que o aluno tem um distúrbio é muito complexo, pois devemos entender que nem todos os alunos aprendem da mesma forma, uma vez que as pessoas são diferentes uma das outras e, portanto, não têm o mesmo ritmo de aprendizagem e facilidade para aprender. Nessa ótica, afirma Lima (2008, p.22), “as comunidades humanas são afetadas de alguma forma pelo acervo de

conhecimento de todos os seus membros. Ou seja, o conhecimento individual de cada um tem, também, uma dimensão coletiva [...]”. Portanto, não se pode dizer que o aluno não sabe de nada, pois ele tem uma bagagem cultural muito grande que poderá ser explorada pela professora para tentar inserir este aluno no mundo letrado, através de trabalhos coletivos, pois “o conhecimento é um bem comum, devendo, portanto, ser socializado a todos os seres humanos [...]” Lima (2008, p. 22). Assim, não se pode excluir nenhum aluno do ambiente escolar. O que se deve é buscar mecanismos para incluir este aluno, permitindo que ele aprenda e seja participante na sociedade e no mundo da informação.

A professora “B”, ao responder sobre as questões: “Quantos alunos da turma sabem ler?” O que você faz para resolver as dificuldades de leitura dos demais alunos?” disse:

Por ser uma turma de 32 alunos, uns 10 sabem ler, pretendo desenvolver aulas com leitura ditadas mostrando como se escrevem as palavras, em todas as atividades trabalhadas sempre ler e reler, enfim promover leitura em todo que for trabalhado seja coletivo, individual, sempre que for trabalho em grupo pedir ao colega que ajude o outro a ler, também colocar os alunos que não sabem ler com os que sabem.

Essa docente tem uma visão mais objetiva sobre leitura, pois deixa evidente os meios e estratégias que irá trabalhar as habilidades de leitura com os alunos. No entanto, ainda não começou a utilizar esse método nas suas aulas e nos dias observados ela estava muito distante de concretizá-lo, e as aulas se davam de forma muito mecânica e repetitiva, pois os alunos só paravam de fazer barulho no momento de copiar do quadro ou do livro.

Ao ser questionada sobre: “Como a escola ajuda a resolver os problemas de leitura dos alunos?” a professora “A”: diz: “*Incentivando os professores a desenvolverem os projetos de leitura existente na escola*”.

Sobre a pergunta: Quais são os projetos desenvolvidos pela escola, com relação à leitura? Professora “A”, disse: “*Desde o ano passado agente trabalha o projeto de leitura, foi dito no planejamento*” Percebemos que a docente “A”, só começou a trabalhar o projeto de leitura porque foi mencionado no planejamento, ou seja, a professora não buscou o projeto por estar preocupada com a leitura, mas porque foi imposto pela coordenação pedagógica da escola.

Quando você vai trabalhar a leitura o que você faz primeiro? Relate um dia em que você trabalhou uma atividade de leitura.

Dependendo da turma que você pegou você trabalha de um jeito. No ano passado eu trabalhava assim: eu pegava uns 18 livrinhos porque meus alunos sabiam ler. Toda segunda-feira eu levava uma revistinha e lia pra turma. Depois que eu lia à revistinha, contos infantis, eu perguntava o que eles tinham entendido da história que eu tinha lido, uns dizia que tinha entendido, quando eu perguntava alguma coisa que tinha no texto, quando eles falavam, eu ia fazendo uma história do que eles falavam eu formava outra história e copiava no quadro e eles copiavam no caderno, porque eu saía de carteira em carteira com a revista, os que sabiam ler lia um parágrafo, os que não sabiam ia vendo a gravura e ia contando a história, eles liam a história pela gravura. Ai eu pegava o caderno deles e guardava na biblioteca da escola ou na sala dos professores. Eu fazia isso, na segunda semana eu lia, conversava, eles falavam de tudo, eu deixava. Quando era na próxima aula eu fazia uma produção de texto, só que ai eles falavam alguma coisa que tinha entendido ai eu fazia aquele textozinho e copiava no quadro. Esse ano como eu estou no 5º ano é diferente. Eu vou conversar com a professora do ano passado e ver como era que ela fazia com eles. Eu vou conversar com ela e ver se melhorou, se eles melhoraram no 4º ano no ano passado, ver como era o projeto de leitura dela, ai se eu ver se tem algum rendimento eu vou continuar, se não eu vou procurar outra maneira. Agora esses três que não sabe não têm como não.

Percebo mais uma vez que a docente a cada momento de conversa sobre sua sala de aula insiste em classificar os três alunos tidos como o problema da sala de aula. Segundo Arroyo (2008, p. 33):

Estão revendo o olhar classificatório dos educandos e as lógicas em que administramos os conteúdos de ensino-aprendizagem. Por aí tocamos em um dos pontos mais críticos do currículo. Outra forma de desconstruir essas velhas crenças é repensá-las à luz de critérios éticos. Pensar coletivamente nas consequências humanas desses tratos classificatório. Se todos são medidos no parâmetro curricular das mentes tidas como mais capazes e aceleradas como normais, faremos desse parâmetro curricular a medida para a classificação dos alunos em lentos, com problemas de aprendizagem, desacelerados, reprovados e repetentes, anormais.

Assim, a docente deve levar em consideração que nem todos os sujeitos aprendem no mesmo ritmo, ou seja, por isso se os alunos não aprendem a ler com a mesma facilidade que os demais colegas ela precisa adaptar a seu conteúdo para que todos possam ter acesso ao conhecimento e se inserir neste mundo da informação.

Portanto, apesar da professora ter relatado uma atividade de leitura ocorrida no ano de 2011, vale ressaltar que em 2012 ela ainda não começou a trabalhar a leitura, assim como também a docente “B” não respondeu a questão sobre um dia de atividade de leitura,

pois a mesma disse que não fez ainda nenhuma atividade de leitura, por isso, não pode responder a questão mencionada.

A situação do desenvolvimento de leitura nas duas salas observadas é preocupante, além dos fatores internos como as questões da inadequação da sala de aula com o calor e superlotação que interferem no rendimento escolar dos alunos, existem fatores externos que contribuem significativamente para a não aquisição da leitura como por exemplo, o acompanhamento dos pais nas atividades escolares dos discentes. Nos relatos das docentes elas enfatizaram que a família não ajuda, pois não participa da vida escolar dos alunos e assim não colabora para mudar a realidade tão conturbada das salas de aula observadas. Neste sentido, os docentes estão praticamente tendo que, muitas vezes, fazer também o papel da família, uma vez que, nem sempre os exercícios de casa são respondidos pelos alunos, pois os pais não colaboram nesse sentido. O mais grave é que aqueles pais que deveriam participar mais das reuniões promovidas pela escola, não comparecem.

Desta forma, muitos fatores contribuem para que os alunos não consigam aprender a ler e conseqüentemente gostarem de ler, isto é, nesse contexto para ser um leitor ativo precisa ser um herói, pois as barreiras para a não aquisição da leitura são muitas, uma vez que, as aulas monótonas e sem inovação não conseguem chamar a atenção dos alunos os quais não tem maturidade para buscar ampliar os seus saberes, pois são crianças.

Portanto, todos os envolvidos nesse contexto educacional devem buscar saídas eficazes para controlar a situação da falta de rendimento escolar dos alunos e assim superar coletivamente as dificuldades que interferem na capacidade de aprender dos alunos e os levem a perceber a importância de saber e conhecer, para assim entender que a leitura é fundamental para nos inserir nessa sociedade letrada, nos possibilitando fazer parte também de forma crítica e ativa das iniciativas que nos levam a sermos vistos como cidadãos capacitados para participar da sociedade da qual fazemos parte.

2.2 Concepções Discentes Sobre Práticas de Leitura

Apesar de muitas pessoas dizerem que os brasileiros não gostam de ler existem pesquisas realizadas que apontam para desmistificar essas verdades estabelecidas pelo senso comum, pois segundo Berenblum (2009, p.16), fala:

Das pesquisas realizadas, destaca-se o Retrato da Leitura no Brasil, de 2000, por iniciativa de entidades do livro e de fabricantes de papel, que tentou definir o consumo de livros no país, medindo sua penetração e as

dificuldades de acesso. Feita por amostragem na população com idade acima de 14 anos, com pelo menos três anos de escolaridade - o que equivalia a 86 milhões de pessoas – a pesquisa incluiu o grupo de analfabetos funcionais que alcança 65% da população. Dos muitos resultados da pesquisa, entre a constatação de que 49% dos leitores e 53% dos compradores de livros estão concentrados na região sudeste, dois se destacaram: 62% dos entrevistados afirmam gostar de ler livros, e a informação de que a escolaridade se vincula fortemente as práticas de leitura (ler e comprar livro, entre outras). Duas conclusões surgiram da pesquisa: a de que os brasileiros com mais instrução capazes de compreender o texto escrito, lêem bastante – cerca de 35%, são leitores frequentes – o que derruba o mito de que “o brasileiro não gosta de ler” a outra, a conclusão de que o baixo índice de escolaridade com qualidade e as condições de acesso ao livro estão na raiz do problema.

Assim, será que os alunos analisados nesta pesquisa gostam de ler? Essa questão será esclarecida a seguir, pois abordaremos as indagações feitas aos trinta e oito alunos do 4º e 5º ano do ensino fundamental, a fim de saber até que ponto eles gostam de ler e quais são as leituras realizadas por estes discentes. Destacaremos também, quais são as limitações que interferem no processo de aquisição da leitura por parte dos alunos.

Ao primeiro questionamento feito a este grupo do 4º e 5º ano sobre se eles gostam de ler, as respostas foram as seguintes: dos 38 alunos pesquisados 83,7% responderam que gostam de ler, apenas 16,2% disseram que gostam “mais ou menos”. Portanto, mais uma pesquisa mostra que os brasileiros gostam de ler.

Entretanto, o problema nas salas de aula não se configura no fato de que os alunos não gostam de ler, talvez o problema seja o tipo de leitura e o modo como ela está sendo trabalhada nas aulas. Nesse sentido, observei que os tipos de textos trabalhados nas salas de aula não estavam de acordo com o gosto dos alunos.

No segundo momento pedi para os alunos responderem sobre que tipo de texto eles gostavam de ler, 67,5% disseram que gostavam de histórias infantis, 18,9% responderam que gostavam de todo tipo de texto, 2,7% disseram que gostavam de poema, 2,7% dos alunos disseram que gostavam de história que “mexesse” com eles, e 8,1% não responderam a questão.

Nesse momento, percebi que os docentes investigados não sabiam qual era a preferência dos alunos pela leitura, pois as professoras em nenhum momento realizaram leituras que estivessem de acordo com a preferência dos mesmos, uma vez que, as poucas leituras praticadas na sala de aula eram feitas através do livro didático ou respondendo algum exercício de interpretação de texto quando as professoras trabalhavam a gramática do livro de português. Assim, segundo Pietri (2009, p.53), afirma que:

A mediação do professor é fundamental, portanto, para formar o leitor proficiente. Isso significa que, para o leitor ainda em formação, é preciso que os objetivos de leitura sejam estabelecidos pelo professor, o que implica, em primeiro lugar, a escolha adequada dos textos a serem lidos em sala de aula. Se essa escolha não é feita pelo livro didático, mas pelo professor, este passa a ocupar então papel principal na mediação entre leitor e o texto.

Portanto, nas aulas observadas, a professora “A” disse que faz um teste de sondagem para conhecer um pouco melhor os seus alunos, assim, é possível que a docente conheça as preferências deles, mas mesmo assim não considera tais interesses no que se refere ao tipo de leitura preferida da turma, pois em nenhum momento presenciei na aula observada leituras de acordo com o que os alunos queriam ler. Com isso, a leitura realizada através do livro didático era mecânica e seu conteúdo não era debatido e, portanto, não incluía a leitura de mundo dos alunos e isso fazia com que a aula não fosse atrativa.

Assim, querendo saber um pouco mais sobre o entendimento dos alunos sobre a leitura questionei para a turma: Para vocês a leitura é algo bom? Por quê? Com isso, 92,1% dos alunos responderam que a leitura é algo bom porque aprende mais, é importante porque é bom para a memória, e teve alguns alunos que disseram que a leitura é boa, mas não disseram o “por que”. Neste momento percebi que alguns alunos não sabiam escrever, pois algumas palavras simples como “bom”, alguns deles perguntavam como escrevia e outros justificaram sua resposta, mas não consegui entender a resposta.

Apenas 5,2 dos alunos disseram que a leitura era “mais ou menos boa” e 2,6% não responderam a questão. Portanto, mais uma vez fica evidente que os alunos sabem da importância da leitura, assim como também percebem e dizem o quanto a leitura é uma experiência boa em suas vidas. Segundo Barbosa, (1994, p.115):

Existe, isto sim, uma variedade de leituras multiformes, adaptadas a intencionalidades diversas, cada uma representando a melhor resposta a uma determinada situação de leitura. Para satisfazer projetos, informar-se para decidir, usufruir do prazer estético ou vaguear pelo imaginário, o leitor deve mobilizar dispositivos eficazes, adaptados às suas intencionalidades.

Assim, entendemos que os professores parecem não saber que os alunos detêm essa variedade de concepções positivas sobre a importância da leitura. De posse de tais informações as docentes ‘A’ e ‘B’ poderiam utilizar as diversas ofertas de textos

existentes na escola, as quais trazem algumas respostas para trabalhar as dificuldades encontradas na sala de aula. Desta forma, os professores podem trazer leituras para a sala de aula que adentrem no imaginário das crianças, como aponta Barbosa (1994, p.115), “e através de suas intencionalidades possam trabalhar e multiplicar as possibilidades de leituras dos alunos”.

Quando indaguei para os alunos se eles gostavam das histórias contadas na sala de aula, 76,3% dos entrevistados disseram que sim, 7,8% responderam que não gostavam, 5,2 disseram que gostavam “mais ou menos” e 10,5% responderam que não havia contação de história na sala de aula. Apesar das histórias presenciadas nas salas das docentes “A” e “B” não estarem de acordo com o gosto dos alunos, com referência a leitura, destaco que a maior parte dos alunos disseram que gostavam das histórias lidas em sala.

Diante de tal constatação enfatizo que mediante o que foi observado nas aulas das professoras “A” e “B” posso afirmar que os alunos não estavam se referindo às leituras praticadas no início deste ano letivo de 2012, pois foram presenciadas pouquíssimas leituras nas duas classes e as que eram realizadas não estavam de acordo com o gosto dos alunos, como também as próprias docentes afirmaram que ainda não tinham começado a trabalhar a leitura até o momento. Como afirma Berenblum (2009, p. 28):

A formação do professor é condição básica para que se efetive uma política de leitores no âmbito da escola. Não se trata de um professor que apenas “leia”, mas de um professor que leia com competência e autonomia, capaz não apenas de incentivar seus alunos, mas de mostrar-lhes as sutilezas e entrelinhas dos textos, em especial dos textos escritos.

Portanto, afirmo que para ser um bom leitor nas escolas é preciso ser “herói”, pois os discentes precisam da ajuda dos professores para se tornarem leitores críticos e competentes, mas nem sempre encontram esse suporte nas escolas, pois as leituras presenciadas nas salas observadas não eram debatidas pelos professores e os alunos, muitas vezes, não prestavam a atenção no que estava sendo lido na sala.

Assim, os alunos que gostavam de ler não foram incentivados por suas professoras, pois suas reflexões no que se refere aos textos lidos em sala de aula foram precárias e sem direcionamento para qualquer tipo de informação.

Perguntei aos alunos: O que é leitura para vocês? E 44,7% disseram que era uma coisa boa, 2,6% disseram que era cultura, 10,5% respondeu que era legal, 15,7% disseram que era importante, 2,6% disseram contos, 2,6% responderam que era especial, 18,4% não

foi possível entender a resposta, pois o que os alunos escreveram estava de forma ilegível e 2,6% não responderam nada. Assim, percebemos que realmente a maioria dos alunos entende a leitura como algo positivo, mas não praticam a leitura na sala de aula, foi o que observei, não porque não gostem de ler, mas este fato está relacionado a outro tipo de interferência como por exemplo, o tipo de leitura proposta pelas docentes “A” e “B”, as quais utilizavam apenas o livro didático, e que na maior parte das vezes são leituras feitas apenas por obrigação, como atividade avaliativa valendo nota, como presenciei na sala de aula.

Perguntei para as duas turmas: que leitura, já realizada, marcou vocês? Dos alunos pesquisados 39,4% disseram que a história que tinha marcado na sua vida eram as histórias infantis, 15,7% não responderam coerente com a pergunta feita, 15,7% disseram “bichos da minha casa”, 2,6% (não compreendi a resposta), 5,2% disseram que muitas histórias tinham marcado sua vida, 10,5% responderam que nenhuma história tinha marcado sua vida, 5,2% disseram que tinha sido a história do “Neguinho que Guardava as Asas do Príncipe”, 2,6% não responderam nada e 2,6% disseram que tinha sido a história do “Menino Maluquinho”.

Assim, diante do diagnóstico feito com os alunos das turmas pesquisadas entendi que os discentes gostam de ler, pois fica evidente em cada questão respondida o tipo de leitura que os alunos gostam de praticar e a sua relação positiva com a leitura.

Ressalto que as leituras presenciadas nas salas de aula das docentes A e B não se configuravam em leituras atrativas para os alunos, pois as poucas leituras praticadas eram de conteúdos gramaticais nas aulas de Português.

Desta forma, percebo que a não realização de leituras nas aulas das professoras ou as poucas praticadas não estão relacionadas ao fato dos alunos não gostarem de ler, pelo contrário, eles revelaram, através da pesquisa feita, o seu grande interesse pela leitura. Cabe as docentes “A” e “B” fazerem uma (auto) reflexão e chegar a uma compreensão sobre os meios pedagógicos propícios para trabalhar a leitura, pois não é através das aulas ou metodologia que estão sendo utilizadas atualmente nas duas classes que irão desenvolver o interesse dos alunos pela leitura ou qualquer outro conteúdo.

Portanto, cada uma das docentes “A” e “B” devem buscar novos caminhos para poderem trilhar uma nova história de ensino da leitura, para que dessa forma os alunos possam lembrar-se de forma positiva das leituras praticadas na escola, as quais também poderão entrar na lista das histórias inesquecíveis citadas pelos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desta pesquisa cheguei a algumas conclusões importantes às quais favorece uma maior compreensão acerca dos fatores que dificultam a aquisição da leitura ou das dificuldades que os discentes enfrentam nesse processo a fim de tornarem-se leitores competentes. Do mesmo modo, entendi quais são as principais dificuldades que os professores enfrentam para trabalhar a leitura nas salas de aula, em que as atividades de leitura se tornam quase sempre impraticáveis dentro da escola.

Embora as docentes investigadas tivessem claramente a visão da importância da leitura e teoricamente considerem os alunos como sujeitos de direito ao conhecimento, às vezes, por diversas razões, outros fatores da realidade - como a indisciplina, inadequação do ambiente escolar, entre outros - conseguiam interferir negativamente nas relações dentro da sala de aula, o que acabava prejudicando ou minimizando as possibilidades das professoras trabalharem a leitura.

Nesse entendimento, quando analisei como os professores desenvolviam o ensino da leitura com as crianças, nos anos iniciais percebi que trabalhar a leitura e fazer com que os alunos aprendam e se tornem leitores na dinâmica do dia a dia é bem difícil. As estratégias utilizadas pelas professoras também não colaboravam para envolver os discentes de forma positiva nas leituras praticadas na escola, pois as leituras se davam de forma mecânica, pouco atrativa e alheia ao entendimento ou gosto dos alunos por determinados textos.

Assim, diante de aulas tradicionais os discentes eram dispersos e não prestavam atenção ao conteúdo ministrado pelas docentes e só respondiam às poucas indagações feitas pelas professoras com relação ao exercício trabalhado, quando as professoras diziam que iria “baixar” ponto. Nesse sentido, a metodologia trabalhada nas aulas pelas professoras, se restringiam às cópias do livro e do quadro negro para o caderno sem nenhuma discussão que levassem os alunos a refletirem sobre o assunto proposto. Não posso, no entanto, atribuir a responsabilidade desta metodologia somente às docentes ora observadas, pois esse tradicionalismo está vinculado a uma cultura que se arrasta por anos nas escolas e que muitos docentes ainda não conseguiram superar e romper com esse tradicionalismo.

Em suma, as docentes precisam quebrar esse paradigma de aulas tradicionais e buscar estratégias diversificadas. Não significa que não se possam utilizar o livro didático,

mas inserir outros recursos que contribuam para despertar o interesse dos alunos pelas aulas ministradas.

Diante desse contexto, enfatizo que os recursos didáticos mais ou unicamente trabalhados pelos docentes nos dias observados para favorecer o desenvolvimento da leitura em sala de aula, foi como mencionado anteriormente, o livro didático, quadro-negro e giz, foi assim que as aulas se deram a todo o momento, a partir de cópias do livro e do quadro-negro para o caderno. Isto porque segundo as docentes, os alunos só permaneciam “mais tranquilos ou sem fazer muita bagunça” quando estavam copiando e respondendo a exercícios. Enfim, não havia naquele ambiente escolar troca de conhecimento, pois não se fazia aulas dinâmicas, em torno de construção de saberes para chegar a uma possível resposta para a problemática ou tema gerador trabalhado.

Desse modo, as professoras precisam buscar ajuda da coordenação pedagógica da escola, para que, a partir de reflexões e de outro olhar sobre aquele contexto específico, possam juntas (Coordenadora/professoras) encontrar meios adequados para resolver algumas interferências existentes dentro das salas das docentes pesquisadas.

Eventualmente, os tipos de textos que despertassem a atenção dos alunos do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental não estavam presentes nas aulas observadas, pois segundo o resultado do questionário aplicado para as turmas do 4º e 5º ano a maioria dos alunos gostava de histórias infantis e a nenhum momento foi constatado a realização deste tipo de leitura nas duas salas de aula investigadas.

Portanto, as leituras realizadas não conseguiam despertar a atenção dos alunos, pois apesar das docentes fazerem um teste para sondar qual era o nível da turma e verificar outros pontos relacionados à aprendizagem como por exemplo, a leitura, elas não levaram os textos que os alunos gostavam para as suas aulas. Talvez, esse entendimento das professoras em trabalhar apenas as histórias contidas no livro (as raras vezes em que trabalhavam a leitura em sala de aula) estava relacionado ao entendimento de que fazer outras leituras que não estivessem contidas no material da escola, não se configurasse em leituras significativas que pudessem inserir informações importantes para ilustrar as aulas.

Ocasionalmente, as respectivas reações por parte dos alunos no processo de desenvolvimento da leitura não aconteciam de forma satisfatória, de maneira que os alunos não se concentravam nas aulas ministradas e não colaboravam para que pudessem ampliar o conhecimento. Mas, uma parte do desinteresse dos alunos estava relacionada à metodologia docente, ambiente inadequado e superlotação da sala de aula, pois não é

possível haver concentração, por parte dos alunos, se a sala de aula é pequena para o número de alunos que estavam naquele espaço escolar e o calor acima do normal para um ambiente agradável o que acabava refletindo e causando inquietação nas turmas, a metodologia de ensino também não conseguia atrair os alunos, pois como citado anteriormente, estava em contraposição ao desejado pela turma.

Sob o mesmo ponto de vista, a relação dos alunos com o processo de aquisição de leitura, em relação ao contexto da sala de aula estava sendo prejudicada, pois ao mesmo tempo em que alunos eram obrigados a ler textos que não gostavam ou não estavam dentro dos tipos de textos considerados bons pelos alunos, essa “obrigatoriedade de ler para a professora” acabavam refletindo negativamente nas relações dos alunos com as leituras em sala de aula. Todavia, no questionário aplicado, a maioria disse que gostava de ler, mas enfatizo que o gênero textual ou história citada pelos alunos no questionário não era aquele presenciado nas aulas das docentes “A” e “B”. Provavelmente esses textos citados pelos alunos tinham sido trabalhados no ano letivo anterior ou pelos seus pais nas suas casas.

Diante do exposto, o estudo ora apresentado apontou algumas questões que merecem ser aprofundadas. Assim, considero que é interessante investigar: Qual a contribuição dos pais dos alunos com relação à leitura? Até que ponto os pais estão ajudando os filhos para a aquisição da leitura? Os docentes também realizam leituras extras, ou leem apenas os textos que serão trabalhados nas aulas? Qual a periodicidade por parte dos docentes, na realização de leituras extras?

Enfim, não posso atribuir somente à escola e respectivamente aos professores a responsabilidade de desenvolver o ato de ler nos jovens ou nas crianças, todos têm que contribuir para incentivar e expandir uma política de formação de leitores, pois sei que as informações mudam a cada momento e precisamos acompanhar as inovações do cotidiano, uma vez que, não podemos esperar que as políticas educacionais façam tudo para estimular os sujeitos a adentrar no mundo do conhecimento.

Precisamos fazer a nossa parte (principalmente docentes e futuros docentes) e mostrar a importância de estarmos atualizados e acima de tudo romper com práticas de leituras que não condizem com o entendimento dos alunos para que se efetivem boas leituras em sala de aula e assim, possa haver uma mediação com respeito, autonomia, diálogo e questionamento entre os sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem, para que assim se consiga assegurar a formação de leitores críticos e participativos na nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Myrtes. **Formar professores para uma nova escola.** QUELUZ, Ana Gracinda. (orientação.); **ALONSO**, Myrtes (org.) IN: **O Trabalho docente: teoria e prática** - Pioneira Thomson Learning, São Paulo, 2003.

AQUINO, Julio Groppa. **Disciplina e indisciplina como representações da educação contemporânea.** LAZZAR, Raquel & **BARBOSA**, Leite (orgs.) - IN: **Formação de educadores: desafios e perspectivas/** - Editora UNESP, São Paulo, 2003.

ARROYOL, Miguel Gonzáles. **Indagações sobre currículo: educando e educadores: seus direitos e o currículo** - **BEAUCHAMP**, Jeanete. **PAGEL**, Sandra Denise & **NASCIMENTO**, Aricélia Ribeiro do. (orgs) - Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Brasília, 2008.

BERENBLUM, Andréia. **Por uma política de formação de leitores/** elaboração Andréa Berenblum, Jane Paiva. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Brasília, 2009.

BRANDÃO, Helena & **MICHELETTI**, Guaraciaba. **Teoria e prática da leitura.** In: **Ensinar e aprender com textos didáticos e paradidáticos.** Cortez, São Paulo, 1997.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura.** 2. ed. – Cortez, São Paulo, 1994 (Coleção magistério. 2º grau. Série formação do professor; v. 16)

CORDEIRO, Jaime. **Didática** IN: Jaime Cordeiro. – 1. Ed., 1ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2007.

CELISTRE, Sinara Sant'Anna & **SILVA**, Sylvania Pimentel. **Professor: Quem é este profissional?** **ALMEIDA**, Ana Maria Bezerra de. [et. al.] (orgs.); IN: **Dialogando com a escola: reflexões do estágio e da ação docente nos cursos de formação de professores.** 2ª. ed. Rev. - Edições Demócrito Rocha, Fortaleza, 2004. 126 p. - (coleção magister).

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **Porque arte – educação?** ed. - Papirus, Campinas-SP 1996 – Coleção Ágere.

DESLANDES, Suely Ferreira: **Pesquisa social: Teoria, Método e Criatividade.** IN: Vozes, Petrópolis-RJ, 1994.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam.** 23ª. ed. Autores Associados: Cortez, São Paulo, 1989.

FERNANDES, Dorgival Gonçalves. **Alfabetização de Jovens e Adultos: pontos e desafios.** Mediação, Ponto Alegre, 2002.

FERNANDES, Cláudia de Oliveira. **Indagações sobre currículo: Currículo e avaliação.** **BEAUCHAMP**, Jeanete. **PAGEL**, Sandra Denise & **NASCIMENTO**, Aricélia Ribeiro do. (orgs) - Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Brasília, 2008.

GOMES, Maria de Fátima Cardoso. Dificuldades de aprendizagem na alfabetização. SENA, Maria das Graças de Castro (orgs). - 2. ed. 1ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LIMA, Elvira Souza : Indagações sobre currículo: Currículo e desenvolvimento humano- BEAUCHAMP, Jeanete, PAGEL, Sandra Denise & NASCIMENTO Aricélia Ribeiro do. (orgs) - Brasília:Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008. 56p.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Pactos éticos, maturidade emocional e relações interpessoais. IN: Avaliação da aprendizagem componente do ato pedagógico. 1ª. ed. – Cortez, São Paulo, 2011.

MARTINS, Maria Helena. O que é leitura: 19 ed. Brasiliense, São Paulo, 1999 (Coleção Primeiros Passos, 74)

MORIN, Edgar, 1921: Os sete saberes necessário a educação do futuro. SILVA, Catarina Eleonora F. Da & SAWAYA, Jeanne. (trad.); CARVALHO, Edgar de Assis(ver.) – 2ª. ed. - São Paulo: Cortez : Unesco, Brasília-DF, 2000.

PIETRI, Emerson de. Práticas de leitura e elementos para a atuação docente; IN: Emerson de Pietri. 2ª. ed. - Ediouro, Rio de Janeiro, 2009 – (Tópicos em linguagem; 2)

Resolução CNE/CEB n.07 14/12/2010 Novas Diretrizes Curriculares para o Ensino Fundamental de 9 anos-Conselho Nacional de Educação, Brasília-DF, 2010.

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. 11. ed. Global, São Paulo, 2003.

ANEXO - I

Roteiro de Observação

- 1- Observar a aula do professor (a) do 4º e do 5º Ano do Ensino Fundamental e ver quais são as estratégias utilizadas para trabalhar a leitura;
- 2- Observar os tipos de textos utilizados pelo docente;
- 3- Observar se os textos utilizados chamam a atenção dos alunos;
- 4- Observar se os alunos reagem positivamente ou não as leituras propostas nas aulas, pelo docente;
- 5- Observar quais são as dificuldades encontradas pelos docentes para trabalhar a leitura em sala de aula.

ANEXO - II

Roteiro de Questionário para os alunos do 4º Ano e 5º Ano

- 1 - Você gosta de ler?
() sim () não () mais ou menos
- 2 - Que tipo de texto você gosta de ler?
- 3 - Para você a leitura é algo bom? Por quê?
() sim () não () mais ou menos
- 4 - Você gosta das histórias contadas na sala de aula?
() sim () não () mais ou menos () não há contação de história
- 5 - Você gosta de ler os textos que a professora pede que vocês leiam?
() sim () não () mais ou menos () a professora não pede para ler
- 6 - O que é leitura para você?
- 7 - Que leitura, já realizada, marcou você?

ANEXO - III

Questionário de entrevista com as docentes

- 1- Qual é a sua formação docente?
- 2- Qual é o seu tempo de serviço? Há quantos anos você nesta série (4º ou 5º ano)?
- 3- O que é leitura para você?
- 4- A escola possui uma biblioteca?
- 5- Que tipo de atividade você solicita dos seus alunos, com relação a leitura?
- 6- Como você avalia o desempenho dos alunos na leitura?
- 7- Quantos alunos da turma sabem ler? O que você faz para resolver as dificuldades de leitura dos demais alunos?
- 8- Como a escola ajuda para resolver os problemas de leitura dos alunos?
- 9- Quais são os projetos desenvolvidos pela escola, com relação à leitura?
- 10- Quando você vai trabalhar a leitura o que você faz primeiro? Relate uma dia em que você trabalhou uma atividade de leitura.

ANEXO – IV

**Universidade Federal de Campina Grande
Centro de Formação de Professores
Unidade de Educação
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Título do Projeto: O PROCESSO DE LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS
Pesquisador responsável: JULIETE DE ALMEIDA MACHADO NUNES

Eu _____, residente na **Cidade de Poço Dantas**, fui informado(a) que este projeto trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, que tem como objetivos: **Analisar como os professores desenvolvem o ensino da leitura com as crianças, nas séries iniciais, em sala de aula** e que será realizada na EMEIF Rosa Dias do Nascimento na cidade de Poço Dantas-PB.

Após ler e receber explicações sobre a pesquisa tive assegurados os meus direitos de obter resposta a qualquer pergunta e esclarecimento sobre os procedimentos, riscos, benefícios e outros relacionados à pesquisa. Tive assegurado também o direito de retirar o meu consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo, bem como, a não ser identificado e ser mantido o caráter confidencial das informações relacionadas à minha privacidade e meu anonimato. Os resultados da pesquisa só serão utilizados para fins científicos. Caso deseje, eu posso procurar esclarecimentos junto à pesquisadora.

Após obter as informações necessárias sobre o projeto de pesquisa, declaro estar ciente do conteúdo deste Termo e desejar participar do projeto/ou autorizar que participe da pesquisa.

Cajazeiras – PB, 12 de Março de 2012.

Nome do sujeito/ou do responsável: _____

Assinatura: _____

Testemunha 1:

Nome: _____

Assinatura: _____

Testemunha 2:

Nome: _____

Assinatura: _____

Assinatura do pesquisador responsável

Estado da Paraíba
Governo Municipal de Poço Dantas
Secretaria de Educação, Cultura e Desporto
EMEF Rosa dias do Nascimento

Projeto

Leitura e Escrita

Elaboração: Profª. Sandra Barbosa de Almeida

Poço Dantas – PB

Abril - 2010

PROJETO

Temática:

Leitura e escrita

Problemática:

Superar as dificuldades na leitura e na escrita para ler e entender diversos gêneros textuais

Fundamentação Teórica:

Este projeto tem uma proposta que é aprofundar o trabalho com leitura e escrita ampliando os conhecimentos dos alunos através da leitura, fazendo com que eles tenham uma nova visão de mundo

Objetivo Geral:

Fazer com que as crianças ampliem e aprofundem as suas compreensões em torno da leitura e da escrita, através da produção de textos.

Objetivos Específicos:

- * Reconhecer a leitura como uma fonte essencial para produzir textos
- * Saber reconhecer, organizar e utilizar as produções os recursos lingüístico presentes nos textos.

Conteúdo:

Produção Textual

Ano:

Do 5º ano ao 3º ano do ensino médio

Tempo estimado:

Um semestre ou dois semestres.

Material necessário:

Lápis de cor e grafite, borracha, folha de ofício caneta, caderno pequeno, foto 3x4 e livros de contos infantis, selecionado como referencia.

CRONOGRAMA:

Este projeto levou cinco dias para ficar pronto, e o tempo estimado, que o professor levará para desenvolver é de um semestre, ou dois si necessário.

Desenvolvimento:

Antes de iniciar o trabalho de leitura direcionado para melhora a escrita promova o repertório selecionado obras. Que servira de referencia para o momento da produção

1ª etapa

Iniciar entregando um CADERNO PEQUENO para todos os alunos, daí o professor deverá pedir que os alunos, participem da escolha do título, em seguida o professor deverá expor no quadro todos os títulos sugeridos, eles deveram escolher o mais interessante. A capa será elaborada em uma folha de oficio, na capa devera ter o TI- TULO, o NOME DO AUTOR e a EDIÇÃO, na capa pode colocar a gravura que desejar. A capa já pronta, faça a cessão de FOTOS dos alunos estas fotos serão coladas na ultima folha do livrinho ONDE FALA DO AUTOR E SUA OBRA. Cole esta folha no caderno que foi entregue a cada aluno, começando a transforma o caderno em um livro.

2ª etapa

Na primeira folha do livro, coloca- se o NOME DO LIVRO, e no verso da primeira folha colocar uma frase de estímulo a leitura, como; LER TAMBÊM E UM EXERCÍCIO ou LEITURA EM CASA NA ESCOLA EM QUALQUER LUGA. Abaixo coloca o nome CONTOS afinal o livro é de contos, abaixo coloca o nome, PROJETO DE CAPA, ILUSTRAÇÕES, COMISSÃO DE REVISÃO DE TEXTO, coloque o nome de quem participou abaixo de cada item e o NOME DA ESCOLA que os alunos estudam. Na segunda folha coloca o nome LITERATURA INFANTIL, abaixo o VOLUME do livrinho, mais a baixo você vai colocar o NOME DO LIVRO, mais abaixo a EDIÇÃO e por ultimo coloca o nome da CIDADE e o ANO. No verso da segunda folha colocar o nome da COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO e da CONSUTORA PEDAGOGICA. Na terceira folha coloca o SUMÁRIO, que é onde fica o nome de todas as historinhas, inclusive a APRESENTAÇÃO que e a carta aos leitores que será feita pelos alunos num estudo coletivo.

3ª etapa

O professor deverá seleciona vários CONTOS DA LITERATURA INFANTIL e ele levará todos os livros para a sala de aula e colocara em um cantinho reservado para que todos alunos percebam que nesse dia vai ter a hora da leitura e da produção de texto, depois dos livros expostos o professor entrega um livro a cada aluno para começar o estudo. Mas quem deve começar a ler é sempre o professor, e ele explicará como vai ser a leitura de cada um.

4ª etapa

O professor explicará para os alunos que eles deverão fazer uma leitura silenciosa em seguida eles terão que ler em voz alta para que todos entendam a história. Depois o professor recolher os livros e pedir para os alunos fazerem a historinhas que acabaram de ler dando um novo desfecho a história em seguida eles devem ler em voz alta, a história que eles produziram para que os colegas percebam a diferença entre os textos e também para que eles possam dar sugestão para melhorar suas idéias.

Todos os textos serão recolhidos para ser corrigidos, depois da correção será entregue a eles para que percebam os erros, o professor deve coloca cada erro no quadro para que os alunos melhorem sua ortografia. Depois eles deverão passar o texto a limpo para uma folha, depois do texto está correto ai e que vai passar para o livrinho, e cada história tem uma ilustração para envolver e chamar a atenção das criança.

5ª etapa

O livrinho já pronto o professor devera organizar a exposição do livro na escola onde, lá, deverão ser expostos todos os livros que os alunos tiveram como referência, e o livro que foi escritos pelos alunos da escola, nessa exposição serão convidados os pais dos pequenos autores, todos que faz parte da escola, a coordenadora pedagógica e a secretária. Na exposição os pequenos autores deverão ler um dos seus contos de sua preferência para as pessoas que vieram prestigiá-los.

Produto final

Produção do Livro

Avaliação:

Análise do desenvolvimento dos alunos na escrita e leitura.